

2 **Vozes da juventude no Brasil: aspirações e prioridades***

Joana Costa**

Enid Rocha**

Claudia Silva**

* As autoras agradecem a excelente assistência de pesquisa prestada por Katcha Poloponsky, Felipe Russo, Juan Pereira e Jessyka Goltara. Também agradecem a Danilo Coelho por sua contribuição, especialmente na realização de pesquisas quantitativas.

** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

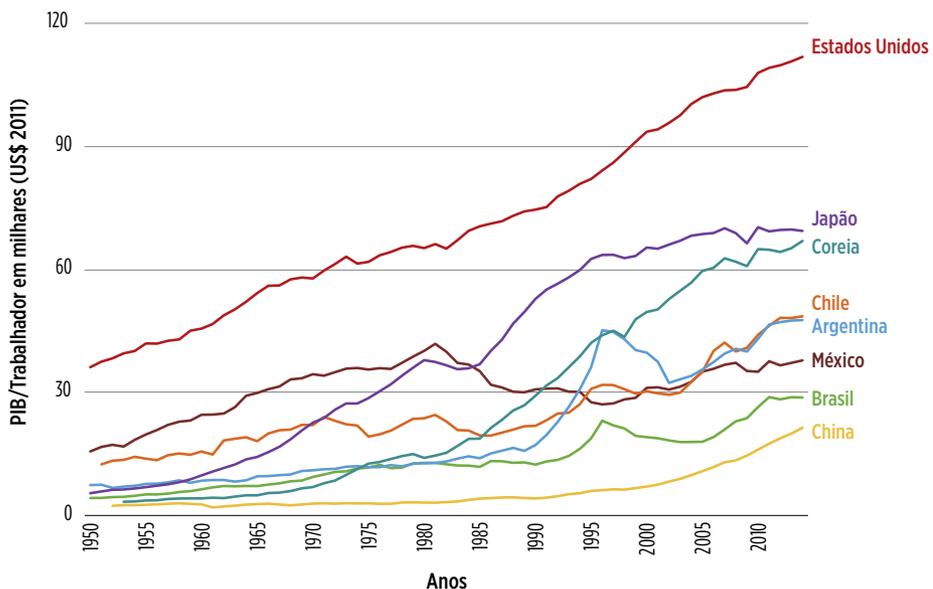
Versão em língua portuguesa produzida pela equipe de publicação do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG), Junho de 2019.

2.1 • Introdução

No Brasil, a população jovem está em expansão: o país tem quase 33 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, o que representa mais de 17% de sua população total. Esse fenômeno, conhecido como “onda jovem”, começou em 2003 e terminará em 2022, quando o número de jovens diminuirá, rapidamente, para 25 milhões até 2040, o equivalente a menos de 12% da população. Nesse contexto, a grande proporção da população em idade ativa (15-64 anos) representa uma oportunidade única de crescimento econômico. Todavia, é necessário investir em formação e educação dos jovens para colher os benefícios da transição demográfica.

No entanto, aumentar a produtividade da atual geração de jovens para que se tornem adultos produtivos não é tarefa fácil. Como mostra a Figura 1, a produtividade do trabalho no Brasil aumentou em ritmo lento e permanece em nível inferior ao de outros países da América Latina, como a Argentina, o Chile ou o México. A produtividade brasileira —expressa em Produto Interno Bruto (PIB) por trabalhador (em milhares de dólares)— está próxima de 28,8, o que equivale a um quarto da produtividade dos Estados Unidos (111,8) e menos da metade (43%) da produtividade da Coreia do Sul (66,9).

FIGURA 1 • EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE DO TRABALHO, 1950-2014

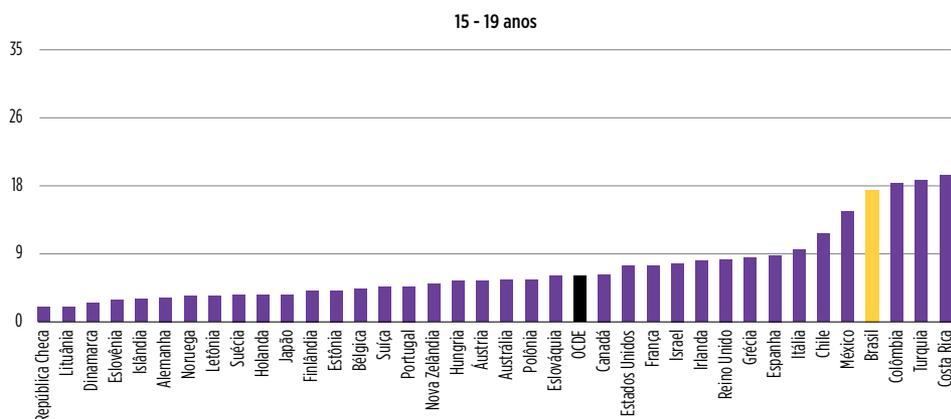


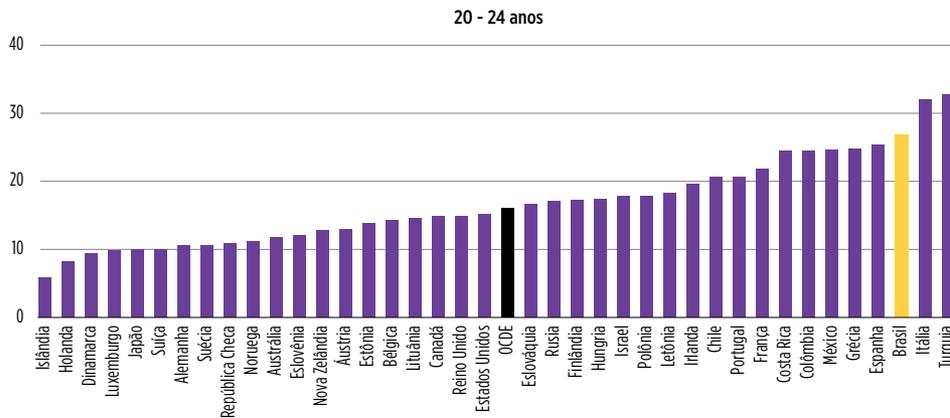
Fonte: Elaboração das autoras, a partir da *Penn World Table 9.0* (FEENSTRA; INKLAAR; TIMMER, 2015).

A baixa qualificação dos jovens ao entrarem no mercado de trabalho constitui uma importante barreira para o aumento da produtividade. Essa fase da vida, marcada pela transição entre a escola e o trabalho, apresenta vários obstáculos à aquisição de capital humano. Entre outros, na educação formal, há problemas, como a defasagem idade-série, a evasão escolar, o fraco desempenho dos alunos e a baixa qualidade das escolas. No mercado de trabalho, os jovens enfrentam elevadas taxas de informalidade, rotatividade excessiva e alto índice de desemprego. Entre os desafios, no entanto, está o de integrar jovens que não estudam, não se qualificam e nem trabalham, também conhecidos como “nem-nem”. Permanecer nessa situação por um longo período de tempo pode ter efeitos negativos sobre a trajetória de vida do jovem, como o aumento da dificuldade em encontrar trabalho, especialmente empregos de qualidade e de boa remuneração, além de torná-lo mais propenso a atividades de risco, como o crime (LOCHNER; MORETTI, 2004; SILVA; OLIVEIRA, 2015).

No Brasil, aproximadamente, 17% dos jovens de 15-19 anos e 27% dos jovens de 20-24 anos não estudam, não trabalham e nem recebem treinamento (Figura 2). Essas proporções são superiores às observadas no México (14% e 25%, respectivamente) e no Chile (11% e 21%, respectivamente). De fato, os percentuais nos países latino-americanos são muito superiores às médias dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE): 6% e 16%, respectivamente.

FIGURA 2 • PROPORÇÃO DE JOVENS QUE NÃO ESTUDAM NEM TRABALHAM (%)





Fonte: Elaboração das autoras, com base em dados da OCDE (2018) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2015).

Nota: Dados de 2016, exceto Japão (2014), Brasil (2015), Irlanda (2015) e Chile (2015). Os cálculos do Brasil foram obtidos utilizando pesos amostrais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

A violência cometida ou sofrida por jovens é outro grande desafio para o Brasil. Embora o aumento da mortalidade por armas de fogo entre 1980 e 2010 tenha sido de 347%, entre os jovens essa porcentagem foi ainda maior, de 414%. Além da gravidade inerente ao fato de a população jovem ser a mais vitimizada, há também uma forte seleção racial: morrem 133% mais negros do que brancos (WAISELFISZ, 2015). Existe uma inter-relação entre a violência juvenil e a situação profissional ou escolar dos jovens. Tal contexto de violência pode dificultar a participação dos jovens no estudo ou no trabalho, e a falta de perspectivas de emprego ou de educação pode resultar em maior envolvimento em atividades de risco (CERQUEIRA; MOURA, 2015).

Outro problema sério para a juventude brasileira é a alta taxa de fecundidade entre os adolescentes. Informações de 2015 mostram que o Brasil teve uma taxa de natalidade de 68,4 por mil mulheres jovens entre 15 e 19 anos. Com essa taxa, o Brasil está em quarto lugar entre os países com maior taxa de fecundidade adolescente da América do Sul, atrás apenas da Bolívia, do Equador e da Venezuela. A gravidez é um fator importante associado às decisões das mulheres jovens sobre estudo e trabalho e pode ser tanto uma causa quanto um efeito de não estudar ou trabalhar. As políticas para reduzir a gravidez na adolescência e incentivar as jovens mães a prosseguirem os seus estudos e entrar no mercado de trabalho são importantes nesse contexto.

Entender os fatores determinantes das condições ou escolhas dos jovens para estudar ou trabalhar é fundamental para a formulação de políticas públicas que os apoiem em suas trajetórias educacionais e em sua inserção e permanência no mercado de trabalho. Só assim será possível aumentar a produtividade e aproveitar o bônus demográfico. No entanto, a falta de evidências empíricas sobre quais restrições afetam a tomada de decisões dos jovens torna impossível conceber programas que contribuam efetivamente para melhorar as suas qualificações.

Para compreender como jovens brasileiros desenvolvem suas aspirações e expectativas de trabalho e inserção social, foi realizada uma pesquisa qualitativa e outra quantitativa para investigar os fatores facilitadores ou dificultadores desses processos, à luz de percepções, trajetórias e experiências dos jovens. A principal novidade dessa pesquisa empírica é a compilação de informações sobre temas não abordados em estudos anteriores relacionados à juventude brasileira, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas inovadoras. O estudo incluiu avaliações de habilidades socioemocionais e cognitivas, expectativas e objetivos para o futuro, tolerância ao risco e impaciência em relação ao futuro, entre outros.

A parte quantitativa da pesquisa consistiu em 1.488 entrevistas domiciliares¹ com questionário estruturado² e foi realizada em Recife, entre 2 de abril e 30 de maio de 2018. Por sua vez, a etapa qualitativa considerou o método de grupos focais (um total de seis grupos focais com cinco a oito membros cada) e também se realizou em Recife, entre 9 e 12 de março de 2018. A cidade foi escolhida para representar o Nordeste, uma região de maior vulnerabilidade social. Para investigar quais fatores são potenciais obstáculos às possibilidades de estudo ou trabalho, foi importante considerar os contextos em que os jovens enfrentam maiores desafios, como altas taxas de desemprego, baixa renda familiar ou menor escolaridade.

A análise dos dados coletados por essa pesquisa permite identificar os contextos juvenis mais associados às situações de vulnerabilidade em que o jovem não estuda nem trabalha. Os resultados da investigação indicam que as habilidades socioemocionais dos jovens estão intimamente relacionadas com as suas decisões sobre estudo e trabalho.

1. Com essa amostra, foi possível obter uma margem de erro de 2,5%, considerando um nível de confiança de 95%.

2. Na realidade, a pesquisa quantitativa contou com dois tipos de questionários. Um foi aplicado pelo pesquisador, e o outro, com perguntas mais sensíveis, foi respondido isoladamente pelos jovens. Houve muita recusa em preencher o questionário autoaplicado, o que resultou em 850 pesquisas.

Especificamente, tais habilidades refletem percepção de controle sobre a própria vida, a confiança na capacidade de alcançar objetivos, o entusiasmo para atingir metas de longo prazo e a ausência de episódios de depressão. Tudo isso está intimamente ligado às possibilidades de que o jovem estude e trabalhe.

Contudo, o desemprego entre os homens e o cuidado com os filhos no caso das mulheres são situações que se destacam entre os nem-nem. Em geral, os jovens estão ansiosos por estudar e trabalhar e desejam obter um nível de educação mais elevado, embora salientem a existência de vários obstáculos para tanto, tais como as dificuldades financeiras, a falta de apoio familiar ou a responsabilidade de cuidar de crianças ou parentes.

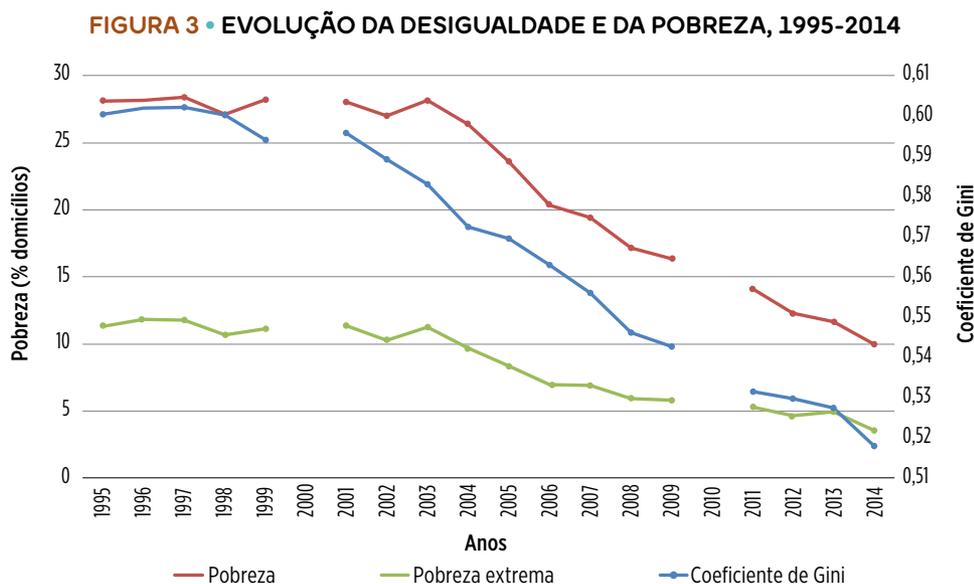
Este capítulo está dividido em cinco seções, além da presente introdução. As seções 2 e 3 apresentam, respectivamente, o contexto do país e a evidência empírica existente sobre a decisão dos jovens de estudar e trabalhar. Por sua vez, as seções 4 e 5 trazem a análise dos resultados das pesquisas qualitativa e quantitativa. Finalmente, a seção 6 resume os principais resultados e suas possíveis implicações em termos de políticas públicas.

2.2 • O contexto brasileiro

Nos últimos anos, o Brasil obteve algumas vitórias importantes no combate à extrema pobreza e na redução da desigualdade de renda, por meio de melhorias no mercado de trabalho e nas políticas sociais. Pesquisa domiciliar realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE (Figura 3) mostra que, entre 2002 e 2014, houve queda de 0,60 para 0,52 no coeficiente de Gini.³ Da mesma forma, as incidências de pobreza e extrema pobreza diminuíram de 27% para 10% e de 10% para 4%, respectivamente. Tais indicadores permaneceram estáveis até então e, nesse sentido, os programas sociais e o mercado de trabalho desempenharam papel importante nessa redução. Durante o mesmo período, houve aumento na escolaridade dos jovens e redução na diferença salarial por escolaridade, enquanto o salário mínimo aumentou e a informalidade e o desemprego diminuíram (BARROS; FOGUEL; ULYSSEA, 2007). No entanto, esse ciclo virtuoso passou a ser afetado por desequilíbrios macroeco-

3. A queda na desigualdade da renda familiar é contestada por alguns autores que, para melhorar a captação sobre a renda dos mais ricos, incluem na análise dados da Receita Federal (SOUZA, 2016). No entanto, existe um maior consenso sobre a queda da desigualdade durante esse período, considerando apenas a renda do trabalho.

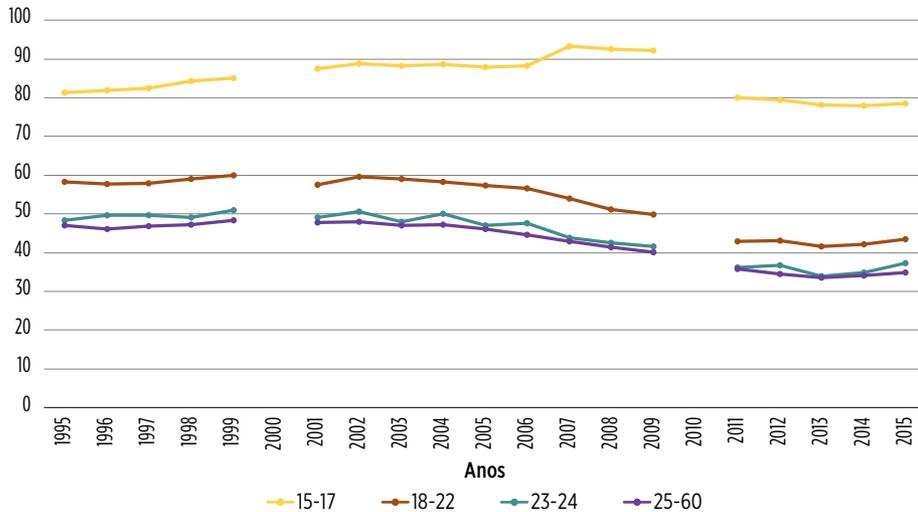
nômicos a partir de 2014. A queda do PIB e o aumento da taxa de desemprego são os sinais mais visíveis da crise. A variação real do PIB passou de 3% em 2013 para -3,77% em 2015 e 0,99% em 2017. A taxa de desemprego aumentou mais de cinco pontos percentuais entre 2013 e 2017. Só no início de 2017 é que o Brasil começou a mostrar os primeiros sinais de recuperação econômica, mas ainda são possíveis novos retrocessos.



Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

Em relação ao mercado de trabalho, enquanto a segunda metade da década de 1990 e o início da década de 2000 foram caracterizados por uma taxa estável de informalidade e aumento do desemprego (Figuras 4 e 5), ambos os indicadores melhoraram entre 2005 e 2012. Apesar disso, os jovens enfrentaram taxas significativamente piores que as dos adultos. Em 2015, ambos os indicadores já estavam em ascensão, com quase 35% dos adultos entre 25 e 60 anos em empregos informais, enquanto 10% estavam desempregados. Para as faixas etárias de 23-24, 18-22 e 15-17 anos, as taxas de informalidade são de 37%, 43% e 79%, e as taxas de desemprego, de 16%, 24% e 32%, respectivamente.

FIGURA 4 • EVOLUÇÃO DA INFORMALIDADE POR FAIXA ETÁRIA, 1995-2015 (%)

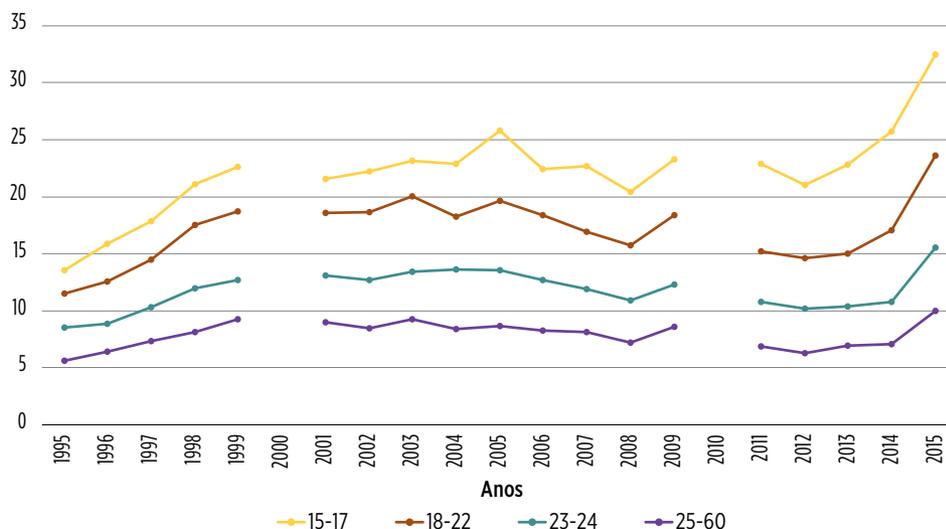
Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

As altas taxas de informalidade e desemprego dos jovens de 15 a 17 anos devem ser relativizadas quando comparadas com as de outros grupos. No Brasil, a legislação que regula a inserção desses jovens no mundo do trabalho é diferente da que rege outros grupos e proíbe o trabalho para crianças menores de 14 anos. A partir dessa idade até os 15 anos, o jovem só é autorizado a trabalhar na condição de aprendiz. Entre os 16 e os 17 anos, o trabalho é permitido, desde que não comprometa a atividade escolar e não ocorra em condições insalubres ou à noite.

Além da informalidade e do desemprego, os jovens enfrentam uma elevada rotatividade no mercado de trabalho. As altas taxas de rotatividade e de desemprego constituem fenômenos associados, sendo consequência da baixa permanência dos jovens no emprego e não da longa duração do desemprego (CORSEUIL et al., 2014; FLORI, 2005). Com efeito, há evidências de que os jovens perdem empregos mais frequentemente que os adultos. No mercado formal brasileiro, sete em cada dez jovens trabalhadores deixam seus empregos após um ano, enquanto entre os adultos essa proporção é de quatro em dez (CORSEUIL et al., 2014). Essas elevadas taxas reduzem o incentivo ao investimento na formação e na formação de capital humano. Da mesma forma, a rotatividade excessiva pode afetar a futura trajetória da produtividade e dos salários dos jovens.

FIGURA 5 • EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO POR FAIXA ETÁRIA, 1995-2015 (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

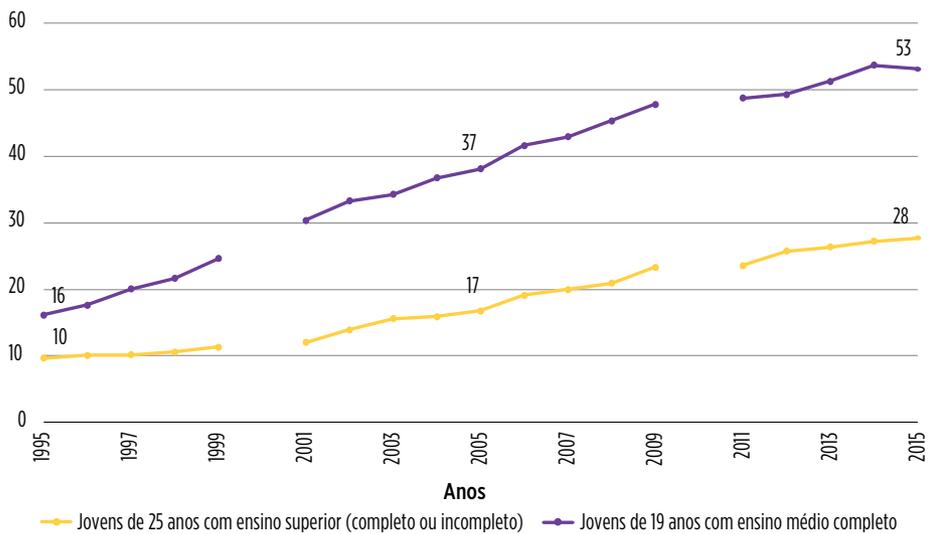
Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

A qualificação dos jovens é fundamental para a sua inserção no mercado de trabalho. No Brasil, o ensino é obrigatório para crianças de 4 a 17 anos. Isso inclui três ciclos: educação infantil (2 séries) para crianças de 4 e 5 anos, ensino fundamental (9 séries) para crianças de 6 a 14 anos e ensino médio (3 séries) para a faixa etária de 15 a 17 anos. Embora o Brasil tenha melhorado seus indicadores de educação, ainda são necessários mais progressos. Em 1990, 80% das crianças de 7 a 14 anos estavam no ensino fundamental, mas apenas 33% dos jovens de 15 a 24 anos haviam concluído esse nível de ensino. Em 2015, tais valores foram de 98% e 79%, respectivamente. Além de alcançar o acesso universal ao ensino fundamental para crianças, o Brasil conseguiu reduzir a taxa de analfabetismo entre 15 a 24 anos de 10% em 1990 para 1% em 2015.

A Figura 6 mostra os significativos progressos realizados na escolarização da população brasileira. A proporção de jovens de 19 anos com ensino médio completo aumentou de 16% em 1995 para 53% em 2015. No entanto, embora os jovens estejam elevando sua escolaridade, essas porcentagens ainda são insuficientes. Há também um longo caminho a percorrer para melhorar a qualidade do ensino, tendo em conta

que 70% dos jovens de 15 anos tiveram um desempenho em matemática inferior ao considerado adequado⁴ nos testes PISA de 2015. O Brasil está entre os países com pior desempenho — apenas 6% dos países que realizaram esses testes estão em posição inferior.

FIGURA 6 • EVOLUÇÃO DA ESCOLARIDADE DOS JOVENS, 1995-2015 (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

No entanto, há programas recentes voltados para o aumento da escolaridade brasileira, como o Bolsa Família, que em 2017 atendeu 13,6 milhões de famílias, incluindo 2,4 milhões de jovens. Esse programa prevê condicionalidades para o acompanhamento de crianças até aos 17 anos nos centros de saúde e supervisiona a frequência escolar, o que conduziu a melhorias significativas nos indicadores educacionais em comparação às crianças que não participaram do Bolsa Família. Entre outros resultados positivos,

4. O nível 2 dos testes do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) é considerado o mínimo que os alunos devem conhecer em cada disciplina para poderem participar plenamente da sociedade moderna (Disponível em: <http://www.oecd.org/pisa/aboutpisa/PISA%20scales%20for%20pisa-based%20test%20for%20schools.pdf>).

ocorreu uma redução de 36% na proporção de crianças e jovens de 6 a 16 anos que não frequentam a escola (INEP, 2011).

Outros programas brasileiros que também contribuem para o aumento da escolaridade são os seguintes:

- **Educação de Jovens e Adultos (EJA).** É uma modalidade de educação orientada a jovens e adultos para que continuem seus estudos. Seus objetivos são, entre outros, facilitar a conclusão do ensino médio e oferecer inclusão digital por meio do uso dessa tecnologia na educação. É considerado um programa muito importante para o país, uma vez que em 2015 havia 12,9 milhões de analfabetos no Brasil com 15 anos ou mais (8% da população). Em 2016, o programa alfabetizou 168.000 pessoas.
- **Programa Universidade para Todos (ProUni).** O programa oferece bolsas de estudo de graduação a jovens de instituições de ensino superior privadas, com renda familiar per capita de até três salários mínimos, e a professores da rede pública para cursos de licenciatura. No segundo semestre de 2017, o programa concedeu, aproximadamente, 147.800 bolsas de estudo em todo o país.
- **Fundo de Financiamento dos Estudantes do Ensino Superior (Fies).** Esse programa visa financiar as mensalidades de cursos de graduação para estudantes matriculados em instituições privadas de ensino superior. O programa fornece um empréstimo para o estudante que, durante a carreira, paga apenas juros sobre o montante financiado e, após a conclusão do curso, tem um longo prazo para pagar o saldo devedor. As avaliações do Fies destacam como efeitos o aumento das matrículas e a redução do abandono do ensino superior (PONTUSCHKA, 2016). No mercado de trabalho, não há efeito sobre os salários quando se comparam jovens com ensino superior completo que se beneficiaram ou não do Fies. No entanto, há um efeito positivo sobre a remuneração dos beneficiários do programa em relação a jovens que não completaram o ensino superior (ROCHA; EHRL; MONASTERIO, 2016).

Por sua vez, as ações destinadas a melhorar a empregabilidade dos jovens, tais como incentivos à qualificação profissional, são essenciais para estimulá-los a entrar no mercado de trabalho. No Brasil, destacam-se dois desses programas. O primeiro é o Programa Jovem Aprendiz, que visa minimizar as dificuldades enfrentadas pela população mais jovem para conseguir o seu primeiro emprego. O programa obriga as médias e grandes empresas a reservar uma quota para o recrutamento de jovens

aprendizes. Em 2016, 367.900 jovens foram contratados nessa modalidade. Uma primeira avaliação de impacto desse programa aponta para efeitos positivos sobre a probabilidade de obter um contrato formal por tempo indeterminado e um aumento salarial. Há também um efeito negativo sobre a rotatividade. No entanto, a probabilidade de permanecer na mesma empresa ou ocupação é reduzida (CORSEUIL; FOGUEL; GONZAGA, 2016). Em outras palavras, o programa pode, em princípio, ser melhorado, e é uma política que merece atenção.

O segundo é o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), que amplia a formação técnica para aqueles que frequentam a escola ou que já concluíram o ensino fundamental. Segundo dados do Ministério da Educação, no período 2011-2014, foram realizadas mais de oito milhões de matrículas pelo Pronatec, a um custo de 14 bilhões de reais (4 bilhões de dólares), entre cursos técnicos e treinamento inicial e contínuo. Em 2018, o Pronatec ofereceu 646 cursos de capacitação técnica. No entanto, houve uma confusão inicial sobre as diretrizes pedagógicas de alguns cursos, os quais foram definidos sem articulação com o setor produtivo e não levaram em conta as necessidades do mercado de trabalho. De fato, as avaliações de impacto existentes sugerem que houve efeitos positivos sobre a empregabilidade e a remuneração apenas em casos muito específicos (BARBOSA FILHO; PORTO; LIBERATO, 2015), ou quando a formação esteve alinhada com a procura do mercado (O'CONNELL et al., 2017).

2.3 • A decisão de estudar e trabalhar dos jovens do Brasil

O desenvolvimento socioeconômico de um país é determinado em grande medida pelo capital humano acumulado por sua população. O acesso a uma educação de qualidade e experiências de trabalho significativas é fundamental não só para o bem-estar do próprio indivíduo, mas também para o da sociedade como um todo. Por meio do estudo e do trabalho, o indivíduo desenvolve habilidades cognitivas e socioemocionais que são determinantes em suas trajetórias pessoais e profissionais. Esse fato está associado a maiores níveis de empregabilidade, salários, saúde e menor probabilidade de se envolver em atividades de risco, como o crime (DIAMOND, 2013).

Independentemente da faixa etária, a situação em que o jovem permanece durante um longo período sem estudar, trabalhar ou se capacitar é considerada crítica, porque, nesse período, ele deixa de desenvolver e aperfeiçoar as suas competências. Por conseguinte, é essencial compreender quais são as barreiras enfrentadas pelos jovens na sua alocação do tempo entre estudo e trabalho.

O problema da inatividade juvenil (ou exclusão, ao mesmo tempo, da escola, do trabalho ou da capacitação) tem sido objeto de preocupação das pesquisas que buscam orientar o desenho das políticas públicas no Brasil. Um dos primeiros artigos sobre o perfil desses jovens foi escrito por Camarano, Kanso e Leitão e Mello (2006). Esse estudo indica que os grupos de jovens considerados inativos eram formados, principalmente, por mulheres, jovens de baixa renda, de cor, com baixa escolaridade, localizados em áreas rurais, residentes em domicílios com maior número de crianças e com chefes de família com baixa escolaridade. Entre as mulheres, predominavam as casadas com filhos, enquanto entre os homens havia mais solteiros, com baixa escolaridade e sem filhos.

A responsabilidade pelas tarefas domésticas está entre os principais obstáculos enfrentados pelas mulheres jovens na acumulação de capital humano. Nesse sentido, Levison e Moe (1998), Kimmel e Connelly (2007) e Levison, Moe e Knaul (2001) argumentam que muitas particularidades das mulheres jovens são ignoradas porque as atividades domésticas não são levadas em conta na definição de trabalho. Evidências empíricas mostram que esse tipo de trabalho pode ser tão prejudicial para a escolaridade quanto para a entrada no mercado de trabalho (KRUGER; BERTHELON, 2008), e ocorre frequentemente porque elas substituem os pais no cuidado dos filhos (EDMONDS, 2008). Além disso, as tarefas domésticas também podem afetar a remuneração dessas jovens, uma vez que restringem o tempo e o esforço disponíveis para o mercado formal, afetando a produtividade e, com ela, seus salários (BECKER, 1985; HERSCH, 1985)

No Brasil, a literatura empírica tradicionalmente não inclui os jovens que buscam emprego entre aqueles que não estudam nem trabalham. Os estudos com base nessa definição apresentam estatísticas sobre os nem-nem que indicam para uma trajetória decrescente, ao longo dos anos de 1990 e 2000, e destacam que essa redução se concentrou mais fortemente entre as mulheres, especialmente entre aquelas com filhos. Essa queda deveu-se, em parte, ao aumento da participação das mulheres no mercado de trabalho e à melhoria das taxas de escolaridade feminina, bem como à

redução do número de filhos das mulheres brasileiras. No entanto, a partir de 2009, a proporção de jovens sem estudar e sem participar no mercado de trabalho aumentou para homens e mulheres, sendo mais evidente entre aqueles com menos anos de estudo, menor renda e residentes em zonas rurais (MONTEIRO, 2013; COSTA; ULYSSEA, 2014).

Este capítulo, assim como o restante do livro, adota a definição de nem-nem que inclui os desempregados⁵ os jovens sem estudo e sem trabalho. Assim, nas Figuras 7, 8, 9 e 10, é possível analisar a trajetória da proporção dos jovens que só estudiam⁶ (7), dos que só trabalham (8), dos que estudam e trabalham (9) e dos nem-nem, ou seja, os que não estudam e nem têm emprego (10). Durante a segunda metade da década de 1990, houve um crescimento significativo do número de jovens que só estudam (especialmente entre 15 e 17 anos), acompanhado de uma redução daqueles que só trabalham. Isso significa que os jovens de 15 a 17 anos adiaram a entrada no mercado de trabalho para dedicar mais anos à educação formal. Essa tendência também pode ser atribuída ao aumento das vagas no ensino médio.

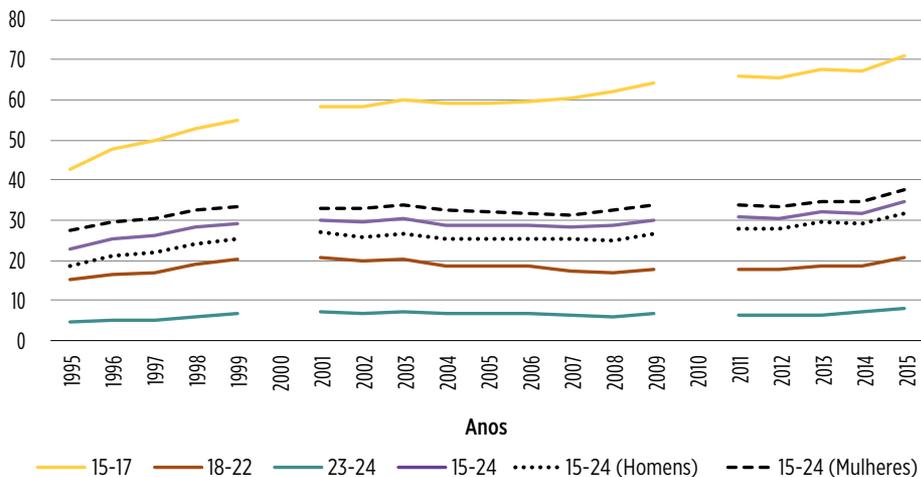
O aumento da proporção de jovens que só estudam continuou gradualmente até 2015: Para os jovens de 15-17 anos, o percentual subiu de 43% em 1995 para, aproximadamente, 71% em 2015 (Figura 7). Isso, por sua vez, reduziu o percentual dos que só trabalhavam (de 20% em 1995 para 5% em 2015) e dos que trabalhavam e estudavam (de 24% em 1995 para 15% em 2015), reforçando a tendência dos mais jovens de se dedicarem exclusivamente ao estudo. Para os jovens mais velhos, a tendência a partir de 2000 foi diferente: a porcentagem de jovens que apenas trabalham ou estudam e trabalham aumentou, embora tenha havido uma inversão dessa tendência em relação ao cenário desfavorável de 2014 e 2015.

As tendências temporais não foram muito díspares quando se considera o sexo dos indivíduos. No entanto, a situação de apenas estudar é mais comum entre as mulheres, ao contrário do que acontece com os que trabalham ou trabalham e estudam (cerca de cinco pontos percentuais a mais).

5. Os nem-nem desempregados são aqueles que procuram trabalho, mas não estudam, não se capacitam e nem têm emprego.

6. Os dados utilizados nesse conjunto de figuras são provenientes da PNAD (IBGE, 2015). Esta pesquisa não inclui informações sobre capacitação. Portanto, as Figuras 7 e 9 não incluem aqueles que se capacitam entre os que estudam, e as Figuras 8 e 10 não os excluem.

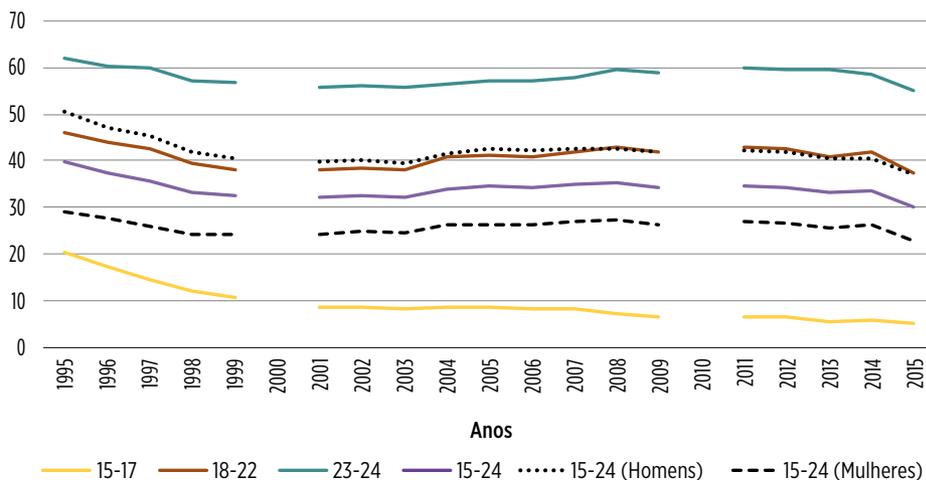
FIGURA 7 • EVOLUÇÃO DA PROPORÇÃO DE JOVENS QUE APENAS ESTUDAM, 1995-2015 (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

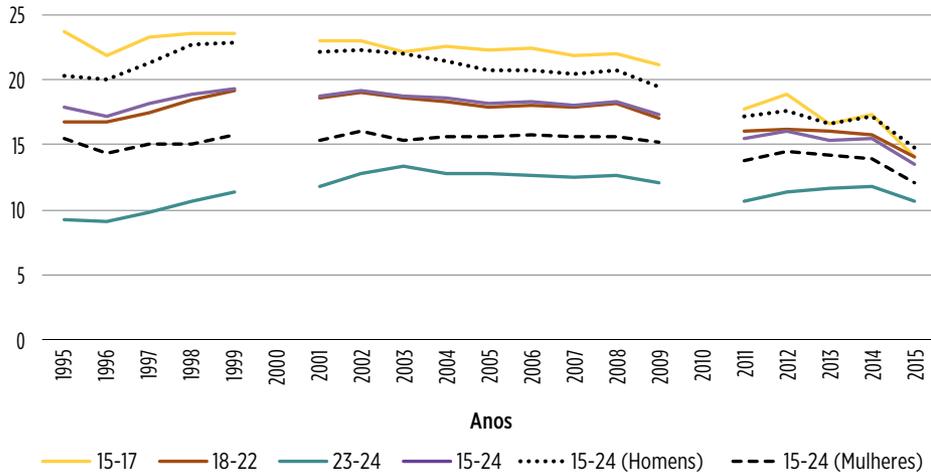
FIGURA 8 • EVOLUÇÃO DA PROPORÇÃO DE JOVENS QUE APENAS TRABALHAM, 1995-2015 (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

FIGURA 9 • EVOLUÇÃO DA PROPORÇÃO DE JOVENS QUE ESTUDAM E TRABALHAM, 1995-2015 (%)



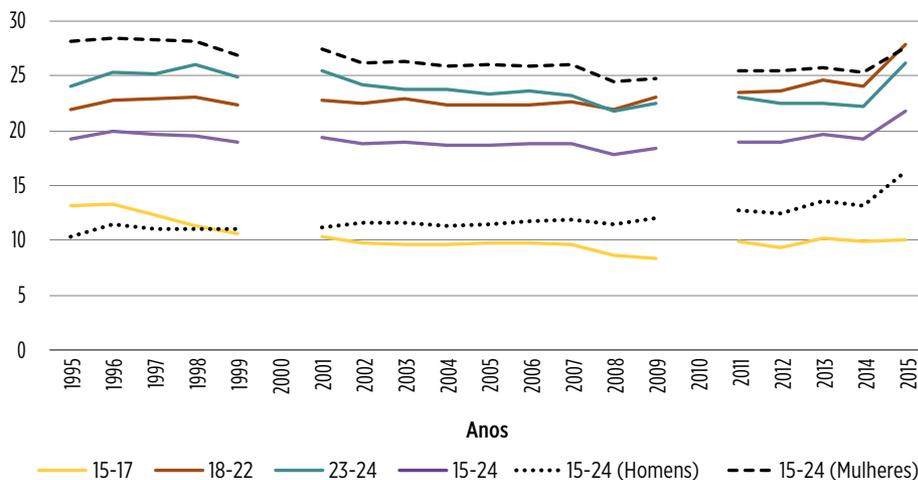
Fonte: Elaboração das autoras, com base nos dados da PNAD (IBGE, 2015).

Nota: A pesquisa não foi realizada nos anos de 2000 e 2010. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da PNAD.

No que diz respeito aos jovens que não estudam nem trabalham, salienta-se que, em 2009, teve início uma tendência crescente dessa situação, comum a todas as faixas etárias e agravada pela crise e pelo desemprego em 2014 e 2015, o que suscitou uma preocupação, cada vez maior, entre os responsáveis pela concepção e implementação de políticas públicas para a juventude. Para os jovens de 15-17 anos, a proporção de nem-nem era de 13% em 1995, diminuindo para 8% em 2009 e aumentando para 10% em 2015. Olhando separadamente para homens e mulheres, a redução da proporção de jovens que não trabalham nem estudam foi um fenômeno que ocorreu principalmente entre as mulheres, mas o aumento mais recente afeta ambos os sexos da mesma forma.

Assim, as pesquisas referentes aos fatores relacionados às escolhas de estudo e trabalho dos jovens e das jovens é fundamental para contribuir com o desenho de políticas públicas que os apoiem em suas trajetórias de retorno às atividades de formação e de inserção e permanência no mundo do trabalho.

FIGURA 10 • EVOLUÇÃO DA PROPORÇÃO DE JOVENS QUE NÃO ESTUDAM NEM TRABALHAM, 1995-2015 (%)



Fuente: Elaboración propia a partir de datos de la Encuesta Nacional por Muestra de Domicilios (IBGE, 2015).

Nota: La encuesta no se realizó en los años 2000 y 2010. Cálculos obtenidos usando los pesos muestrales de la Encuesta Nacional por Muestra de Domicilios.

Em geral, o Brasil é caracterizado por um alto grau de heterogeneidade regional. Os jovens brasileiros com maior probabilidade de serem nem-nem são mais pobres, mais atrasados na escola, vivem em áreas rurais e nas regiões Centro-Oeste, Nordeste ou Norte do país. A presente pesquisa foi realizada com jovens residentes em Recife, na região Nordeste. Nessa cidade, os jovens enfrentam mais problemas que nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Enquanto a taxa de desemprego juvenil no Brasil foi de 23,6%, em Recife subiu para 26,8% no segundo trimestre de 2017. Do mesmo modo, a proporção de jovens que não estudam nem trabalham é muito mais elevada nesse local. Por exemplo, enquanto em Brasília a proporção de jovens de 18 a 24 anos que não estudam nem trabalham é de 19,5%, em Recife chega a 34,2%.

2.4 • A pesquisa em Recife, Brasil

Esta seção apresenta as características gerais dos jovens entrevistados, levantadas tanto na fase quantitativa como na qualitativa, e descreve as condições dos jovens em relação às atividades de estudo e trabalho.

2.4.1 • Características dos jovens entrevistados

A Tabela 1, considerando a pesquisa quantitativa, apresenta o número de jovens entrevistados, o número total de jovens representados pela amostra (após ponderação⁷) e sua proporção na população jovem total de Recife. Assim, 52% da amostra é constituída por homens; metade tem entre 18 e 22 anos de idade (50%); 74% são negros ou mestiços; e muitos deles vivem em domicílios com uma renda total inferior a dois salários mínimos⁸. Apenas um em cada cinco (19%) concluiu o ensino médio.

Uma das características mais marcantes dos jovens entrevistados é a defasagem idade-série, pois quase 17% deles nem sequer concluíram o ensino fundamental e 31% ainda não ingressaram no ensino médio, apesar de a maioria já estar em uma faixa etária compatível com o fim desse ciclo.

O Quadro 1 mostra as características dos jovens que participaram dos grupos focais realizados no estudo qualitativo. Foram entrevistados 49 jovens em situação de vulnerabilidade, pertencentes ao extrato mais baixo da distribuição de renda, e em diferentes situações em termos de estudo e trabalho. A maioria dos entrevistados são homens e jovens que ainda não ingressaram no ensino superior.

7. Os pesos amostrais da investigação foram calculados por sexo e faixa etária, considerando os dados anuais da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2017).

8. O salário mínimo durante o período da pesquisa era de 954 reais e a taxa de câmbio média do dólar era de 3,52 reais por dólar, o que indica um salário mínimo correspondente a, aproximadamente, 271 dólares.

TABELA 1 • CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA QUANTITATIVA

	TOTAL DE ENTREVISTAS DA AMOSTRA	TOTAL DE ENTREVISTAS APÓS PONDERAÇÃO	PROPORÇÃO EM RELAÇÃO À POPULAÇÃO DE JOVENS EM RECIFE (%)
Sexo			
Masculino	712	132.278	51,8
Femenino	776	123.276	48,2
Raça ou cor			
Branco	319	52.802	20,7
Afro-brasileiros (pretos/pardos)	1.092	189.301	74,1
Asiáticos (amarelos)	44	9.339	3,6
Indígenas	33	4.113	1,6
Idade			
15 - 17 anos	437	82.855	32,4
18 - 22 anos	730	127.651	50,0
23 - 24 anos	321	45.049	17,6
Renda familiar total, em salários mínimos (um salário mínimo equivale a R\$954 ou US\$271)			
Menos de 1	425	75.324	29,5
De 1 a menos de 2	531	90.846	35,6
De 2 a menos de 4	260	44.719	17,5
De 4 a menos de 6	112	17.689	6,9
De 6 a menos de 8	40	6.059	2,4
De 8 a menos de 10	13	2.889	1,1
De 10 a menos de 12	6	650	0,2
De 12 a menos de 14	6	984	0,4
14 ou mais	2	168	0,1
Escolaridade			
Sem escolaridade	34	7.251	2,8
Fundamental incompleto	205	36.955	14,5
Fundamental completo	193	34.699	13,6
Médio incompleto	748	128.224	50,2
Médio completo	17	2.675	1,1
Superior (incompleto e completo)	291	45.751	17,9

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

QUADRO 1 •**CARACTERÍSTICAS GERAIS DA AMOSTRA DA FASE QUALITATIVA**

Duas foram as questões centrais do estudo qualitativo:

1. Quais são as expectativas e as aspirações dos jovens em relação às suas perspectivas educacionais e à sua inserção no mercado de trabalho?
2. Quais são as oportunidades e os obstáculos percebidos como importantes para apoiar ou dificultar a realização de suas expectativas e planos para o futuro?

A amostra consistiu de um total de seis grupos focais com homens e mulheres jovens de 15 a 24 anos, com renda familiar *per capita* correspondente ao primeiro e segundo quintis de renda da cidade de Recife.

Um total de 12 homens e 37 mulheres participou. Nos grupos etários de 15-18, 19-21 e 22-24 anos, havia 17, 15 e 17 jovens, respectivamente. Considerando a escolaridade, 14 tinham o ensino médio incompleto, 13 haviam concluído o ensino médio, 20 tinham iniciado o ensino superior sem o terem concluído e 2 já haviam concluído o ensino superior. Em termos de condições de estudo e trabalho, 18 apenas estudavam, 11 apenas trabalhavam, 5 estudavam e trabalhavam e 15 eram nem-nem.

A pesquisa quantitativa (Tabela 2) mostra que, em média, as mulheres têm um nível de escolaridade mais elevado. Enquanto 34% dos homens têm apenas o ensino fundamental completo, entre as mulheres essa proporção é de 27%. A análise por faixa etária⁹ revela atraso escolar. Aproximadamente 52% dos jovens de 15-17 anos ainda não frequentam o ensino médio e 77% dos jovens de 18-22 anos nem sequer têm o ensino médio completo. Entre as pessoas de 23-24 anos, 61% não completaram esse nível e menos de 40% entraram no ensino superior.

9. Note-se que todas as análises por faixa etária devem ser efetuadas com precaução, uma vez que o número de observações pode ser muito reduzido. Por exemplo, não se espera que os jovens do grupo etário dos 15 aos 17 anos estejam no mercado de trabalho ou tenham concluído o ensino médio. Assim, o número de jovens nessas situações será pequeno e não representativo.

TABELA 2 • DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS SEGUNDO ESCOLARIDADE, POR SEXO E FAIXA ETÁRIA

ESCOLARIDADE (%)	HOMENS	MULHERES	15-17	18-22	23-24
Sem escolaridade	3,6	2,1	4,4	2,1	2,2
Fundamental incompleto	15,5	13,3	24,4	9,7	9,5***
Fundamental completo	14,9	12,1	23,5	9,8	6,0***
Médio incompleto	48,1	52,4	45,7	55,6	43,0***
Médio completo ou superior (incompleto e completo)	17,9	20,1	2,0	22,8	39,2***

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Significância do teste de diferença de médias entre homens e mulheres (teste t), ou entre faixas etárias (teste F): ***p<0,01, **p<0,05, *p<0,1. A hipótese nula do teste do conjunto F é que as médias do grupo são todas iguais entre si. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

2.4.2 • Caracterização do estudo e do trabalho

A Tabela 3 apresenta a proporção de jovens em quatro categorias excludentes: só estuda; só trabalha; estuda e trabalha; não estuda nem trabalha (nem-nem)¹⁰. Metade dos jovens só estuda ou se capacita (49,6%) e não há diferença substancial entre homens e mulheres. No entanto, existem diferenças por idade: os mais jovens são os mais propensos a dedicar-se somente ao estudo. A proporção daqueles que só estudam é de 85% entre 15 e 17 anos, caindo para 38% entre os 18-22 anos e para 21% entre os 22-24 anos.

A situação se inverte ao se analisar o grupo daqueles que só trabalham. Por um lado, são os jovens mais velhos, de 23-24 anos (25%) e os homens (15%) que representam a maior proporção. Os jovens nessa faixa etária estão também sobrerrepresentados entre os que combinam estudo e trabalho (24%). Por outro, a condição de nem-nem tem maior incidência entre as mulheres (27%) e entre os jovens mais velhos (31% para os jovens de 18-22 anos e 29% para os de 23-24 anos).

10. É importante mencionar que a capacitação também foi considerada na definição do estudo.

TABELA 3 • DISTRIBUIÇÃO DOS JOVENS SEGUNDO CONDIÇÃO DE TRABALHO OU ESTUDO, POR SEXO E FAIXA ETÁRIA (%)

CONDIÇÃO DE TRABALHO OU ESTUDO	JOVENS	HOMENS	MULHERES	15-17	18-22	23-24
Apenas estuda	49,6	50,0	49,1	84,7	36,7	21,3***
Apenas trabalha	12,5	15,0	9,7	1,4	15,1	25,2***
Estuda e trabalha	14,8	16,4	13,0***	8,5	15,5	24,2***
Nem-nem	22,2	17,5	27,3***	5,0	31,2	28,7***

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Significância do teste de diferença de médias entre homens e mulheres (teste t), ou entre faixas etárias (teste F): ***p<0,01, **p<0,05, *p<0,1. A hipótese nula do teste do conjunto F é que as médias do grupo são todas iguais entre si. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

As dificuldades de inserção no mercado de trabalho podem ser um dos fatores relacionados com a permanência do jovem em uma situação de ausência de estudo e trabalho. Os dados da Tabela 4 mostram que o trabalho dos jovens se caracteriza pela precariedade, baixos salários e informalidade. Existe um importante viés de gênero e idade a esse respeito, uma vez que as mulheres e os jovens estão mais sujeitos a ocupações de menor qualidade, salários mais baixos e menos contratos formais. Globalmente, aproximadamente, 22% recebem menos de um salário mínimo por hora, apenas 39% têm um contrato formal com o empregador e 58% trabalham em período parcial (30 horas por semana ou menos).

TABELA 4 • CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO ATUAL DOS JOVENS QUE TRABALHAM (%)

	JOVENS	HOMENS	MULHERES	15-17	18-22	23-24
Renda do trabalho em salários mínimos por hora (R\$ 4,34/hora ou US\$ 1,2 dólar/hora)						
Menos de um	22,4	19,3	26,5	31,4	26,8	10,9***
Um ou mais	77,6	80,7	73,5	68,6	73,2	89,1***
Características do trabalho						
Trabalho formal (contrato)	38,7	39,0	38,3	17,0	38,7	46,7***
Trabalho por conta própria	24,2	25,1	22,8	28,5	22,2	26,1
Trabalho em período parcial	58,4	56,0	61,9	84,5	52,9	58,5***

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: A questão do rendimento teve uma taxa de não resposta de 19%. Significância do teste de diferença de médias entre homens e mulheres (teste t), ou entre faixas etárias (teste F): ***p<0,01, **p<0,05, *p<0,1. A hipótese nula do teste do conjunto F é que as médias do grupo são todas iguais entre si. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

2.4.3 • O que fazem os jovens que não estudam nem trabalham?

Compreender que tipo de atividades os jovens que não estudam nem trabalham estão realizando ajuda a entender o contexto que levou a essa situação. Os dados da Tabela 5 mostram que a proporção de jovens envolvidos em tarefas domésticas é a mais alta (72%), especialmente entre as mulheres (79% das mulheres contra 60% dos homens). A prestação de cuidados a familiares ou filhos também recai mais fortemente sobre as mulheres (53% contra 18%). Em ambos os casos, as discrepâncias foram estatisticamente significativas.

Entre os jovens que não estudam nem trabalham, 37% afirmaram que estavam à procura de emprego, ou seja, estavam nessa condição porque ainda não haviam encontrado trabalho. A proporção dos que buscavam emprego é mais elevada entre os homens que entre as mulheres (45% contra 31%) e entre os jovens mais velhos (18-24 anos). É importante notar que 4% dos nem-nem possuem uma deficiência. Do total de jovens que não estudam nem trabalham, 20% declararam não realizar nenhuma atividade (doméstica ou de busca de emprego), o que representa 4% do total de jovens.

Em suma, entre aqueles que não estudam nem trabalham, apesar da alta proporção de homens (60%) e mulheres (79%) envolvidos em atividades domésticas, persiste uma diferença de 20 pontos percentuais entre os sexos. Além disso, o desemprego é um fator mais frequente entre os homens, enquanto o cuidado dos filhos e familiares é mais comum entre as mulheres que não estudam nem trabalham. A procura de emprego e as atividades domésticas, tais como os cuidados infantis, também surgiram como atividades principais entre aqueles que não trabalham nem estudam, na pesquisa qualitativa (Quadro 2).

TABELA 5 • O QUE FAZEM OS JOVENS QUE NÃO ESTUDAM NEM TRABALHAM? (%)

	JOVENS	HOMENS	MULHERES	15-17	18-22	23-24
Estão à procura de trabalho	36,8	45,2	31,0*	24,4	37,8	37,6
Têm uma deficiência	4,2	4,4	4,1	-	4,6	4,5
Cuidam de parentes ou filhos	38,8	17,7	53,2***	61,4	35,1	42,8**
Participam do trabalho doméstico	71,5	60,0	79,4***	84,2	70,1	71,7
Não realizam nenhuma das atividades acima e não têm nenhuma deficiência	20,0	26,5	15,5***	9,3	22,1	17,0

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os percentuais foram calculados considerando os fatores de expansão (para serem representativos da população). Significância do teste de diferença de médias entre homens e mulheres (teste t), ou entre faixas etárias (teste F): ***p<0,01, **p<0,05, *p<0,1. A hipótese nula do teste do conjunto F é que as médias do grupo são todas iguais entre si. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Entre as razões mais citadas pelos jovens que não estão trabalhando nem procurando emprego, 46% responderam que já têm uma renda (por exemplo, seguro desemprego) ou outra atividade (estudo ou trabalho doméstico). Existem ainda outras razões relacionadas com fatores como insegurança, desânimo ou falta de recursos financeiros (25%), percepção das limitações pessoais (13%) e condições familiares ou pessoais (12%). A pesquisa qualitativa também apontou outras dificuldades associadas à procura de emprego, como falta de qualificação e experiência, carência de recursos financeiros ou dificuldades associadas à aparência (ver Quadro 2).

TABELA 6 • RAZÕES PARA NÃO BUSCAR EMPREGO ENTRE OS NEM-NEM (%)

Ter outra atividade ou renda (trabalho doméstico, estudo, etc.)	45,7
Outras razões (desânimo, insegurança, falta de recursos financeiros, etc.)	24,9
Percepção das limitações pessoais (problemas com educação, experiência, idade, aparência, etc.)	12,8
Condições familiares ou pessoais (não ter com quem deixar alguém que necessite de cuidados, gravidez, problemas de saúde, etc.)	11,7
Possibilidade de iniciar algum trabalho em breve	6,2
Não declarou o motivo	4,0
As condições de trabalho não correspondem às expectativas	1,3

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os percentuais foram calculados considerando os fatores de expansão (para serem representativos da população). Os jovens podem selecionar até três opções nesta questão. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

QUADRO 2 •

DIFICULDADES DAS MULHERES JOVENS EM TRABALHAR OU ESTUDAR

As jovens com pouca escolaridade que não estavam estudando ou trabalhando no momento da pesquisa descreveram seu cotidiano entre a realização de tarefas domésticas e o cuidado das crianças ou outros menores da família. Parte desse grupo estava à procura de trabalho e algumas mencionaram que tinham feito tentativas de estudar em casa sozinhas. No entanto, acharam difícil cumprir esses objetivos por causa das responsabilidades no lar. Os custos de transporte também limitam as condições para a procura vagas no mercado de trabalho. As histórias sugerem que as suas rotinas diárias são atarefadas e desinteressantes:

Pela manhã, eu ajeto minha filha, espero dar a hora de levar ela para escola, ajudo minha mãe dentro de casa, quando aparece unha (para fazer) eu vou, faço. Levo ela para a escola à tarde. Durante a tarde, vou fazer meus deveres de casa, né? Lavar a roupa, arrumar a casa, [...] Vou buscar ela, à noite, ela dorme cedo. Meu dia é isso.

Grupo feminino de 19 a 21 anos.

As dificuldades na obtenção de emprego referem-se às exigências de experiência prévia por parte dos empregadores ou à falta das qualificações necessárias para competir por um lugar em um mercado cada vez mais exigente. Não por acaso, quando convidadas a expressar o sentimento de serem jovens hoje no Brasil, algumas das palavras que emergem são: despreparada, desmotivada, desqualificada, excluída.

Com isso, essas jovens expressam a noção de que tais problemas são mais acentuados no Nordeste, a região em que vivem e uma das mais carentes do Brasil. Observam que, muitas vezes, a aparência, forma de vestir, atitudes, crenças ou modos de pensar são considerados inadequados pelos padrões esperados, reforçando o quadro adverso. Os preconceitos são especialmente percebidos no mercado de trabalho, mas as críticas, as exigências e a falta de aceitação também se fazem sentir nas relações familiares e interpessoais.

Além de caracterizar a situação atual dos jovens, a pesquisa investigou quais atividades de estudo ou de trabalho eles esperam realizar no prazo de um ano¹¹. Chama a atenção, de forma positiva, que 72% dos entrevistados dizem que não querem ficar sem estudar ou trabalhar. Além disso, 71% pensam que é possível alcançar esse objetivo. Em outras palavras, a grande maioria dos jovens deseja e espera trabalhar ou estudar em um ano.

TABELA 7 • DESEJOS DOS JOVENS NO PRAZO DE UM ANO E SUA PERCEPÇÃO SOBRE A POSSIBILIDADE DE ALCANÇÁ-LOS (%)

DAQUI A UM ANO EU GOSTARIA DE ESTAR...	DISCORDO TOTALMENTE (=0)	DISCORDO (1-5)	CONCORDO (6-9)	CONCORDO TOTALMENTE (=10)
...à procura de trabalho ou emprego	12,4	23,5	21,3	35,6
...em um emprego em período parcial	10,8	26,2	28,4	27,4
...em um emprego em período integral	13,7	29,3	26,1	23,8
...estudando	4,7	14,8	20,3	53,2
...estudando e trabalhando	7,4	20,1	27,0	38,6
...sem estudar nem trabalhar	71,8	16,6	3,5	1,4
DAQUI A UM ANO, QUAL É A PROBABILIDADE DE VOCÊ ESTAR...	IMPOSSÍVEL (=0)	IMPROVÁVEL (1-5)	PROVÁVEL (6-9)	CERTA (=10)
...à procura de trabalho ou emprego	11,9	22,7	25,3	32,6
...em um emprego em período parcial	10,6	28,4	30,8	22,6
...em um emprego em período integral	16,5	26,9	28,8	20,1
...estudando	5,3	12,4	22,5	52,3
...estudando e trabalhando	8,4	19,1	30,0	35,0
...sem estudar nem trabalhar	71,4	16,8	38,0	0,9

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Em resumo, os resultados da presente pesquisa corroboram resultados anteriores de que a condição de nem-nem é mais importante entre as mulheres e entre os jovens mais velhos. Para esse grupo, procurar emprego é a atividade mais comum entre os homens; já cuidar de filhos ou parentes é a mais frequente entre as mulheres.

11. A Tabela 7 apresenta a distribuição das respostas dos jovens em uma escala de zero a 10, com zero correspondente a “discordo totalmente” e 10 a “concordo totalmente”. Cada jovem foi convidado a responder a cada item mencionado na tabela.

Em outras palavras, o desemprego e as atividades domésticas podem constituir grandes obstáculos às decisões dos jovens. Em relação ao futuro, é necessário enfatizar que eles querem estudar e trabalhar e acreditam que terão sucesso, apesar das dificuldades.

2.5 • Fatores associados às atividades de estudo e trabalho

No Brasil, as decisões dos jovens em relação ao estudo e trabalho estão fortemente associadas às suas condições socioeconômicas, tais como renda familiar, nível de escolaridade dos pais e local de residência. No entanto, é importante compreender as diferentes dimensões e barreiras relacionadas ao contexto dos jovens, a fim de ampliar o leque de opções de políticas públicas voltadas a essa população. Por esse motivo, a presente seção investiga outros aspectos, não contemplados em pesquisas prévias, que podem estar correlacionados com as condições de estudo e trabalho.

A análise avaliou fatores não tradicionais na literatura brasileira, como habilidades cognitivas e socioemocionais, preferências de risco, impaciência, percepção de retorno salarial em diferentes níveis de escolaridade e presença de experiências negativas na vida, entre outros. Para tanto, procura-se analisar em que medida essas variáveis estão relacionadas às decisões referentes a estudo e trabalho. Uma metodologia possível seria realizar apenas uma análise de correlação entre essas variáveis e as decisões dos jovens, mas pode haver outras características que causam uma alta correlação. Por isso, é necessário adotar um método de análise para controlar fatores que estudos prévios já demonstraram ser relevantes.

Dessa forma, recorreu-se à análise das médias condicionais das variáveis não tradicionais em cada situação possível de trabalho ou estudo do jovem: apenas estudar, apenas trabalhar, estudar e trabalhar ou não estudar nem trabalhar. As médias condicionais são, de fato, os valores previstos desses fatores tradicionais ao considerar cada um dos quatro possíveis *status* dos jovens. Esses valores são calculados por meio de regressões que consideram como variáveis de controle as características individuais e familiares tradicionalmente obtidas em pesquisas anteriores (sexo, raça, idade, escolaridade, ter filhos e renda familiar). Todavia, a diferença observada em fatores não tradicionais entre as quatro diferentes condições de estudo e trabalho não pode ser atribuída inteiramente a fatores tradicionais, visto que, apesar de mais

refinada que uma simples correlação, esse tipo de análise não possibilita estimar relações de causalidade. O objetivo é compreender que tipos de contextos estão associados às diferentes condições de estudo e trabalho dos jovens. Cada subseção apresenta diferentes fatores não tradicionais relacionados às decisões dos jovens.

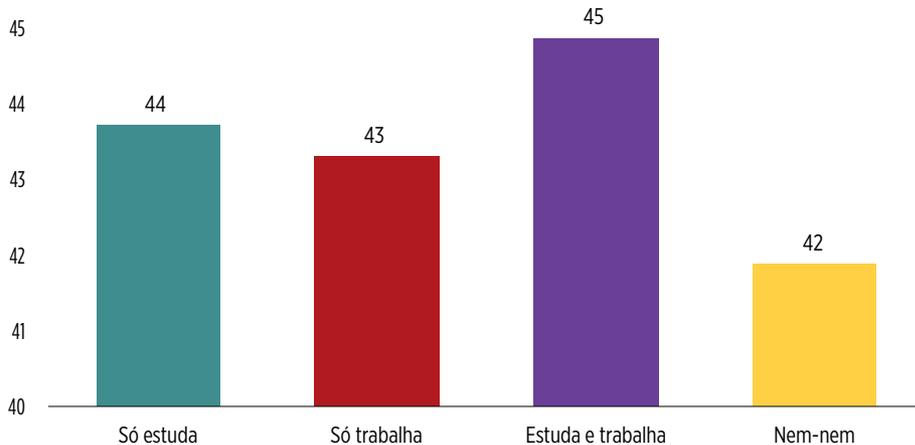
2.5.1 • Habilidades socioemocionais

Entre as variáveis utilizadas para medir as habilidades socioemocionais, foram consideradas medidas de *locus* de controle, autoeficácia e autoestima, dimensões de personalidade (ou “*Big Five*”), perseverança e depressão.

Em relação ao *locus* de controle (CALIENDO; COBB-CLARK; UHLENDORFF, 2015), foi utilizada a escala de Rotter, que varia de 10 a 70 pontos. Os valores superiores correspondem a um maior *locus* de controle interno, que reflete a percepção do indivíduo em relação ao controle que exerce sobre os acontecimentos de sua vida e a noção de que eles ocorrem em razão de suas ações. Contudo, os valores mais baixos indicam que o indivíduo atribui a sucessão de eventos em sua vida a fatores externos fora de seu controle, como o destino ou o acaso.

A Figura 11 mostra que os jovens com maiores valores de *locus* de controle (escala de Rotter) são aqueles que estudam e trabalham, enquanto os jovens que não estudam nem trabalham têm valores mais baixos. Embora a diferença não seja tão grande, é estatisticamente significativa ($p=0,03$). Isso significa que os jovens sem atividades de estudo ou trabalho acreditam que têm menos controle sobre suas trajetórias de vida.

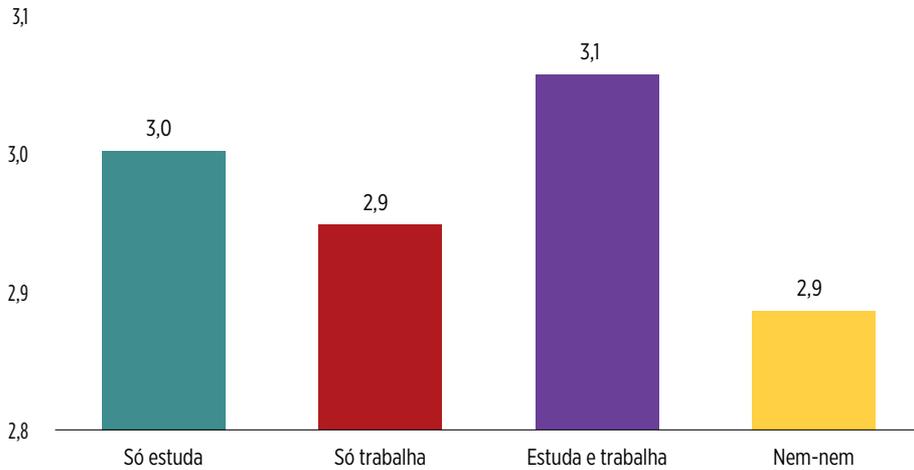
FIGURA 11 • PONTUAÇÃO NA ESCALA DE LOCUS DE CONTROLE (10 – 70)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

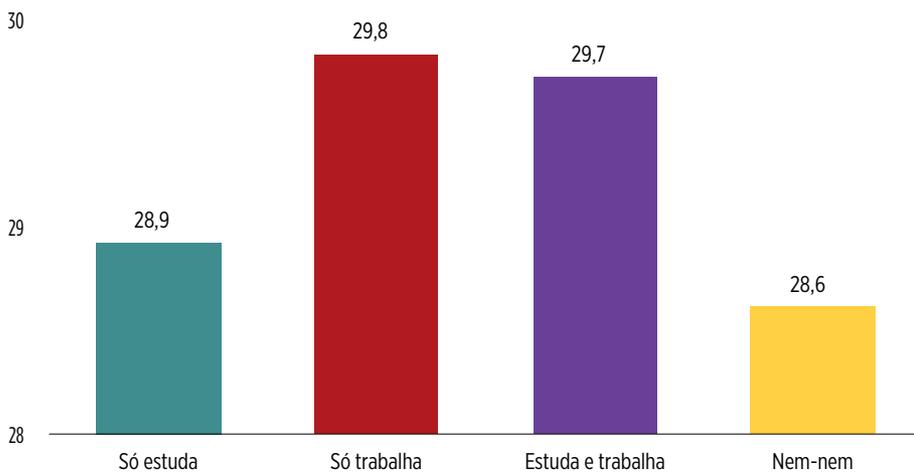
Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

A autoeficácia, no entanto, refere-se à crença ou à confiança dos indivíduos na própria capacidade de resolver e completar tarefas e problemas mediante suas próprias ações. Por sua vez, a autoestima está relacionada a uma avaliação subjetiva da pessoa sobre si mesma, que pode ser positiva ou negativa, e pode refletir um aspecto motivacional na realização dos objetivos. As Figuras 12 e 13 mostram que indivíduos que não estudam nem trabalham têm escores médios mais baixos em testes de autoeficácia e autoestima, mas apenas a diferença associada à autoeficácia é estatisticamente significativa (p-valor de 0,03 quando comparados com o grupo que estuda e trabalha, e p-valor de 0,04 quando comparados com o grupo que apenas estuda).

FIGURA 12 • PONTUAÇÃO NA ESCALA DE AUTOEFICÁCIA (1 – 4)

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

FIGURA 13 • PONTUAÇÃO NA ESCALA DE AUTOESTIMA (10 – 40)

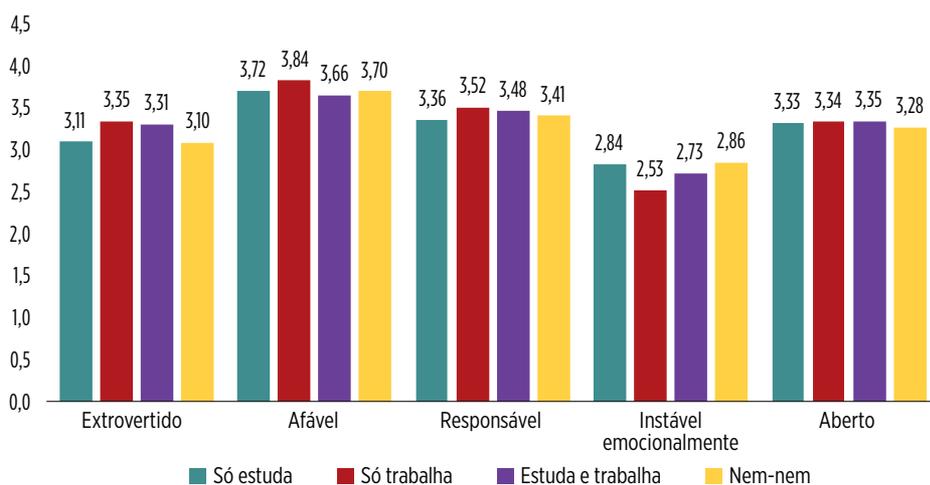
Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Os traços de personalidade foram avaliados por meio do teste dos “Big Five”, que mede extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo (instabilidade emocional) e abertura a novas experiências. A extroversão está associada a comportamentos mais comunicativos, busca por interações sociais e facilidade de expressar opiniões, enquanto a amabilidade (ou socialização) se traduz em boas habilidades sociais, facilidade de adaptação às normas sociais e preocupação com o bem-estar dos outros. A conscienciosidade está ligada à organização, à determinação na busca de objetivos e à percepção da própria competência no desempenho das tarefas. O neuroticismo (ou instabilidade emocional), entretanto, compreende a interpretação de eventos de forma negativa e está relacionada com a vulnerabilidade, a dependência e os sintomas depressivos. Finalmente, a abertura a novas experiências significa estar interessado em conhecer e explorar novas realidades e ser curioso. Os indicadores para cada característica variam de um a cinco: quanto mais perto de cinco, maior o nível desse traço de personalidade.

A análise da pontuação de cada um dos cinco traços de personalidade na Figura 14 não permite dissociar o grupo daqueles que não estudam ou trabalham dos demais. As diferenças também não são estatisticamente significativas.

FIGURA 14 • PONTUAÇÃO NA ESCALA DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE (1–5)

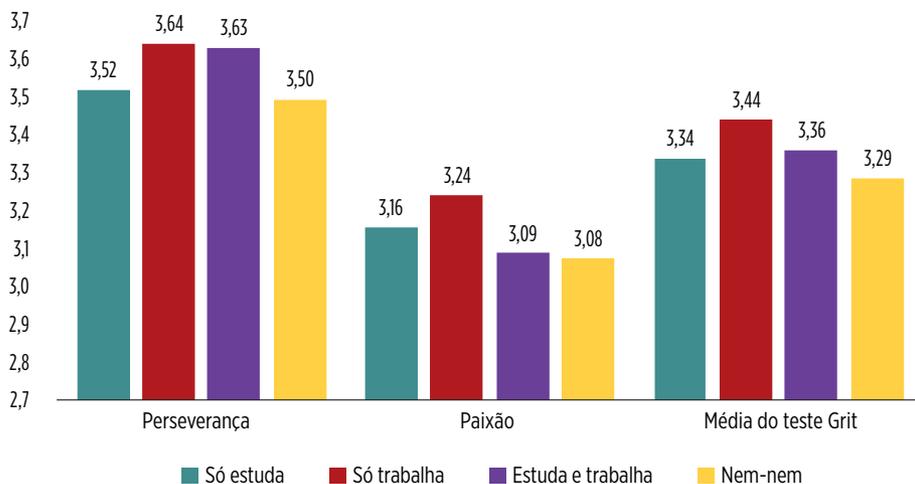


Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Outra habilidade socioemocional considerada é a perseverança, medida pelo teste Grit, que considera persistência e paixão na busca de objetivos de longo prazo. Os indicadores variam de 1 a 5 e, quanto mais altos os índices, maiores a perseverança e a paixão. Da análise da Figura 15, infere-se que os jovens que não trabalham nem estudam são menos perseverantes e menos entusiasmados, mas apenas a diferença em relação à paixão é estatisticamente significativa quando comparados com o grupo daqueles que só trabalham ($p=0,002$).

FIGURA 15 • PONTUAÇÃO NO TESTE GRIT (1–5)

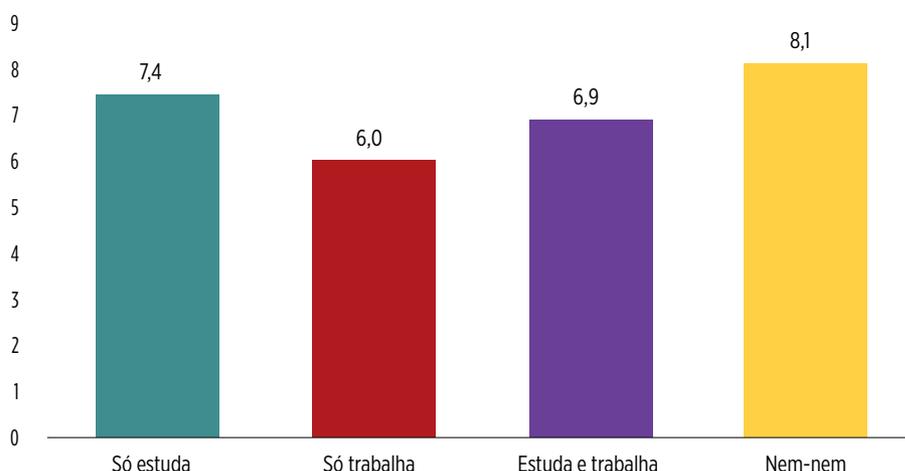


Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Episódios de depressão também podem estar associados a decisões de estudo e trabalho. O indicador de depressão varia de 0 a 27, e um escore mais alto indica uma maior frequência com que uma pessoa tem sintomas depressivos. A Figura 16 mostra que os jovens que não trabalham nem estudam têm maior pontuação no indicador de depressão, e a diferença é estatisticamente significativa quando comparados com os jovens que apenas estudam ($p=0,04$). Também na pesquisa qualitativa, jovens relataram episódios de depressão associados a eventos traumáticos ao longo de suas vidas (Quadro 3). O apoio profissional, familiar e também escolar é apontado pelos jovens como fundamental para superar essas experiências dolorosas.

FIGURA 16 • PONTUAÇÃO NO TESTE DE DEPRESSÃO (0 – 27)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

QUADRO 3 •

TRAJETÓRIAS DE VIDA: EPISÓDIOS TRAUMÁTICOS

Para muitos jovens, refletir sobre a própria trajetória de vida revela-se um processo doloroso. Alguns dos participantes desse grupo até choraram ao contar suas experiências. São histórias familiares marcadas por grandes sofrimentos, que influenciaram diretamente o desenvolvimento desses jovens.

E depois de um tempo, lá pelos seis anos, eu vi meu tio se matar, na minha casa, e depois, aí fiquei tipo com a cabeça meio afetada. Aí eu cresci muito depressivo, tipo, saía na rua, eu só pensava em morrer, porque no início da minha vida foi muito difícil. Só que eu aprendi uma coisa na vida: ela vai espancar você, mas você só junte forças e siga em frente, porque um dia isso tudo vai melhorar.

Grupo misto de 15 a 18 anos.

As narrativas sobre a vida escolar tendem a evidenciar importantes deficiências. Uma das entrevistadas mostra grande sofrimento ao contar episódios de *bullying* que sofreu na escola.

Eu era daquelas que me arrastava. E tipo, na minha adolescência, eu sofri bullying. Foi bem difícil para mim levar adiante e voltar para a mesma escola em que sofri bullying. Eu escutei da psicopedagoga que onde eu fosse seria a mesma coisa.

Grupo feminino de 22 a 24 anos.

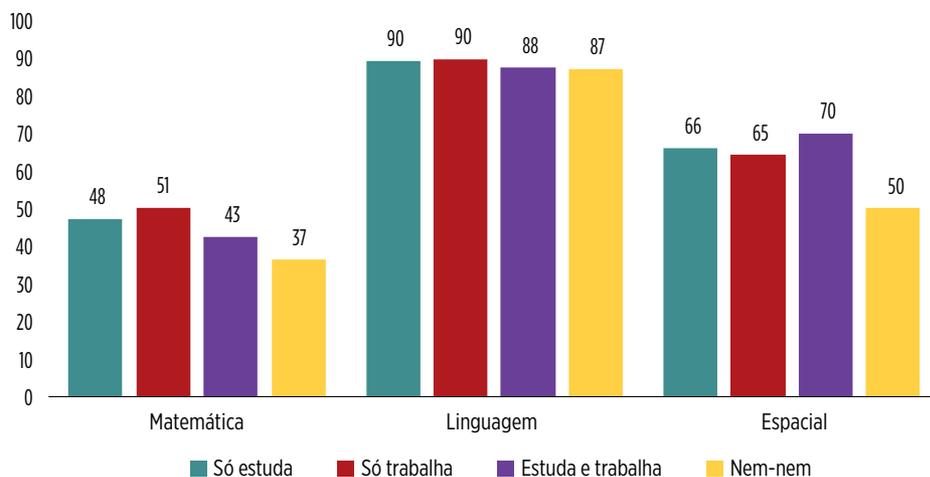
Nesse cenário, o apoio e o incentivo de familiares, amigos e professores são considerados elementos imprescindíveis no processo. No entanto, o ambiente familiar nem sempre é acolhedor, assim como são poucos os professores que incentivam os alunos a avançar na conquista de seus sonhos.

2.5.2 • Habilidades cognitivas

Além das habilidades socioemocionais, também as cognitivas podem ajudar a contextualizar as decisões de estudo e trabalho dos jovens. A pesquisa inclui questões que visam medir as habilidades cognitivas de linguagem, de matemática e de noção espacial. Os resultados indicam que os jovens que não estudam nem trabalham têm uma proporção menor de acertos, principalmente em matemática e noção espacial. No entanto, as diferenças não são estatisticamente significativas (Figura 17).

Além dos testes de habilidades cognitivas, foi construído um indicador de habilidades técnicas, a partir de perguntas sobre capacidades como cálculo de custos, leitura de textos, uso de computadores e internet, entre outros (Figura 18). Esse indicador varia de 1 a 7, em que 1 indica maior dificuldade em realizar essas tarefas e 7 representa maior facilidade. Também para essas habilidades, os indivíduos que não estudam nem trabalham têm uma média menor, que é estatisticamente significativa em comparação com aqueles que realizam ambas as atividades (p -valor de 0,000) e com o grupo que apenas estuda (p -valor de 0,002).

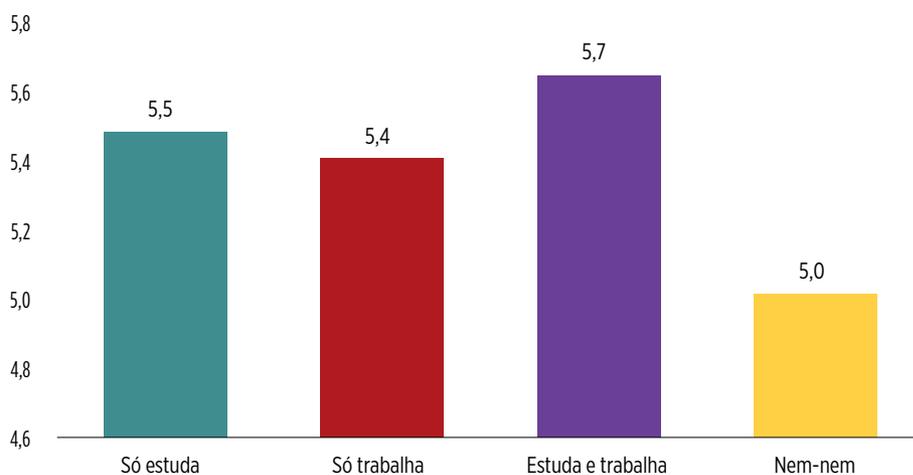
FIGURA 17 • RESPOSTAS CORRETAS EM PERGUNTAS COGNITIVAS (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

FIGURA 18 • PONTUAÇÃO DE HABILIDADE TÉCNICA (1 – 7)



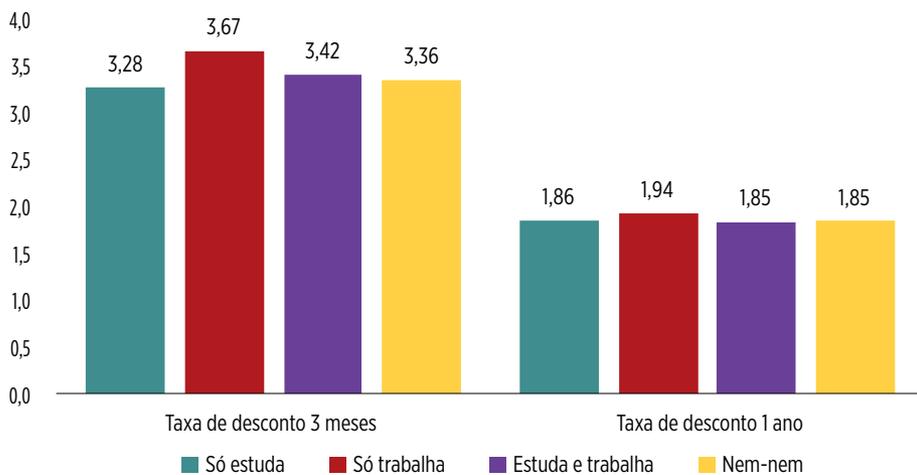
Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

2.5.3 • Preferência pelo risco, impaciência sobre o futuro e crenças sobre retornos salariais

O modo de visualizar o futuro e avaliar os riscos envolvidos pode estar relacionado com as decisões dos jovens de continuar na escola ou entrar no mercado de trabalho. Por exemplo, uma hipótese possível é que os jovens que não estudam não têm realmente a paciência de esperar por futuros retornos de sua educação. Para testar essa hipótese, calcularam-se taxas de desconto a partir de perguntas sobre quanto o indivíduo exigiria receber a mais para aguardar um período de tempo (três meses ou um ano) antes de receber um prêmio. Essa é uma medida que indica a impaciência do jovem em esperar pelo futuro. No entanto, a Figura 19 mostra que não há diferença relevante na taxa de desconto intertemporal entre os jovens que estudam e os que não estudam. Nem diferem estatisticamente.

FIGURA 19 • TAXA DE DESCONTO INTERTEMPORAL

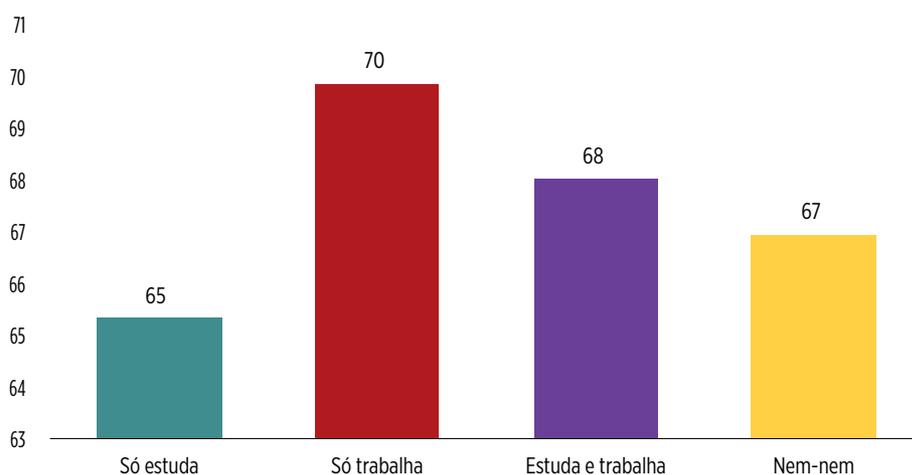


Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Outra hipótese é que os jovens que optam por estudar são aqueles que preferem escolher trajetórias com menos risco e não entrar no mercado de trabalho até que alcancem uma qualificação mínima. A Figura 20 mostra a probabilidade de um indivíduo ser avesso ao risco de acordo com o seu trabalho e atividades de estudo. Do mesmo modo, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes categorias nessa variável.

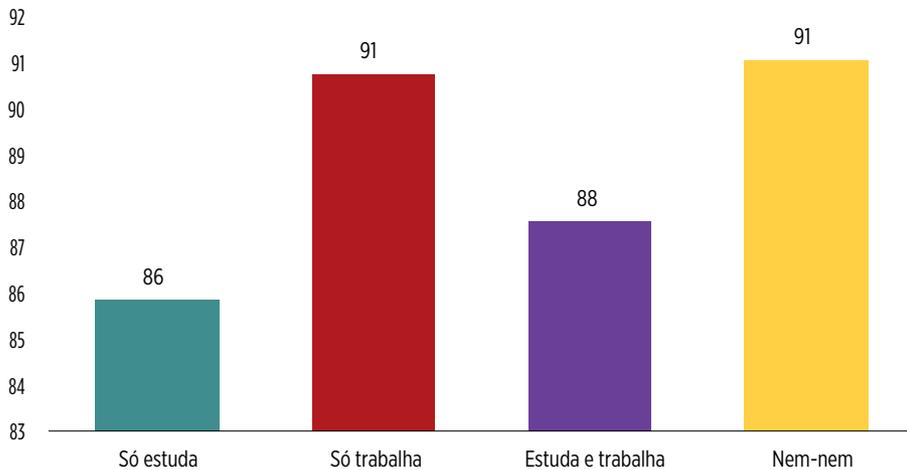
FIGURA 20 • PROBABILIDADE DE AVERSÃO AO RISCO (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

Também foi mensurado o retorno salarial que o jovem espera receber ao concluir o ensino médio ou um nível mais alto de escolaridade. Uma das razões para os jovens abandonarem a escola pode ser a falta de informação sobre o retorno salarial de níveis de escolaridade mais elevados. De fato, observa-se que os jovens subestimam o retorno da educação (Figura 21). Aqueles que não estudam nem trabalham são mais propensos a se equivocar quanto ao retorno salarial para a conclusão do ensino médio ou superior. No entanto, a diferença não é estatisticamente significativa entre as situações de estudo/trabalho.

FIGURA 21 • PROBABILIDADE DE SUBESTIMAR O RETORNO SALARIAL (%)

Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Probabilidade de reportar retorno salarial abaixo da média com erro maior que a metade do desvio-padrão. Foi considerado um desvio-padrão de 0,5, ao contrário de outros capítulos deste livro, porque o desvio-padrão 1 correspondia a um valor tão alto que nenhum jovem subestimou o retorno salarial. Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

2.5.4 • Aspirações e expectativas

A pesquisa também incluiu perguntas sobre as aspirações e as expectativas dos jovens. As primeiras são entendidas como os objetivos que eles gostariam de alcançar em um cenário sem restrições, enquanto as segundas representam a probabilidade de alcançar essas aspirações, dadas as limitações reais. As Figuras 22 e 23 mostram, respectivamente, a proporção de jovens que desejam atingir o nível superior e, de zero a 10, as chances percebidas de alcançá-lo. Vale ressaltar que, entre os jovens que não estudam nem trabalham, há uma proporção menor de jovens que desejam atingir o nível mais alto, significativamente diferente quando comparados com os jovens que realizam ambas as atividades (p -valor de 0,000). Além disso, para esses jovens, a expectativa de conseguir terminar o ensino superior é menor (diferença significativa quando comparados com aqueles que só estudam, p -valor 0,04).

A Figura 24 mostra as chances, de zero a 10, de alcançar a profissão desejada em dez anos. Os jovens que não estudam nem trabalham acreditam que são menos propensos a conseguir o emprego que querem, e a diferença é significativa em relação aos que só estudam ($p=0,04$). Os jovens que participaram da pesquisa qualitativa

também expressaram o desejo de cursar o ensino superior e conseguir um bom emprego. No entanto, a análise de suas falas mostrou que eles reconhecem a existência de muitas dificuldades para a realização dessas aspirações (Quadro 4).

QUADRO 4 •

EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO AO ESTUDO E AO TRABALHO

A meta dos jovens que participaram dos grupos é completar o ensino superior, entendido como requisito para alcançar boas condições de emprego e renda. As profissões desejadas incluem engenharia, pediatria, medicina, nutrição, pedagogia, psicologia, educação física e direito. A renda projetada varia de R\$3.000 a R\$25.000 por mês (aproximadamente, US\$850 a US\$7.000).

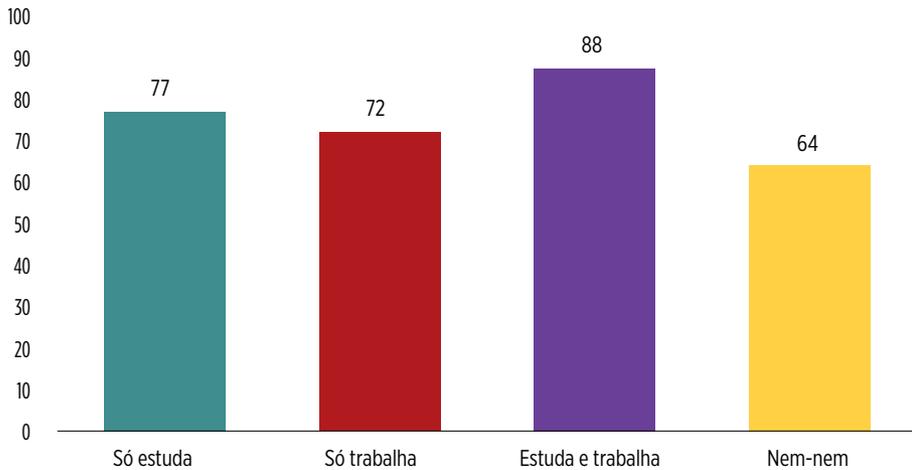
Alguns se mostraram hesitantes sobre a carreira que pretendem seguir, enquanto outros acharam difícil projetar seu nível de renda, escrevendo simplesmente: “Ganhar o que puder para viver bem e feliz” ou “um valor suficiente para me estabelecer.”

Descontinuidades na trajetória escolar não prejudicam seus sonhos de uma carreira que necessite de um diploma universitário e que proporcione realização pessoal. Eles acreditam que os seus sonhos podem ser realizados. Mas é recorrente o discurso de que a realização dessas aspirações não será fácil e que exigirá muita força de vontade e dedicação. Além disso, há um reconhecimento generalizado de que o apoio da família, amigos e professores é muito importante e nem sempre está disponível.

Tem que ter apoio também. Eu acho que ninguém cresce sozinho, sabe? De certa forma, ter alguém em casa te motivando, né, dizendo pra ir em frente e que, se der errado, terá com quem contar. Isso é muito importante.

Grupo feminino de 15 a 18 anos.

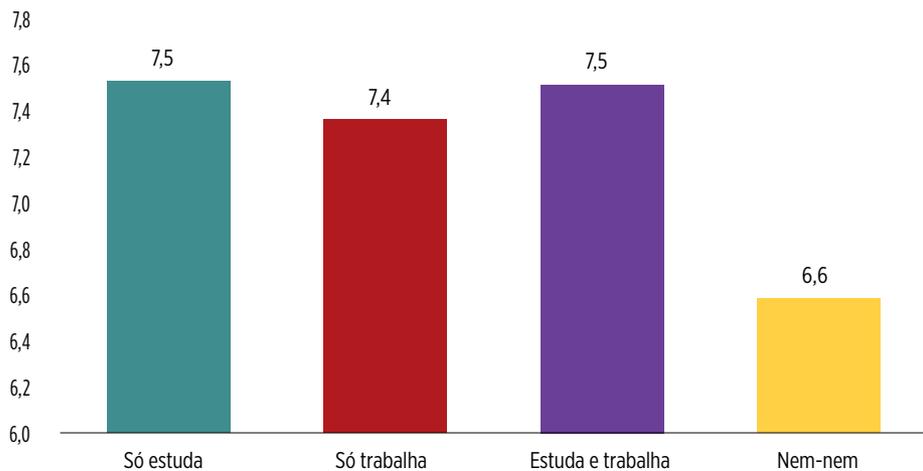
FIGURA 22 • PROPORÇÃO DE JOVENS QUE DESEJAM CURSAR O ENSINO SUPERIOR (%)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

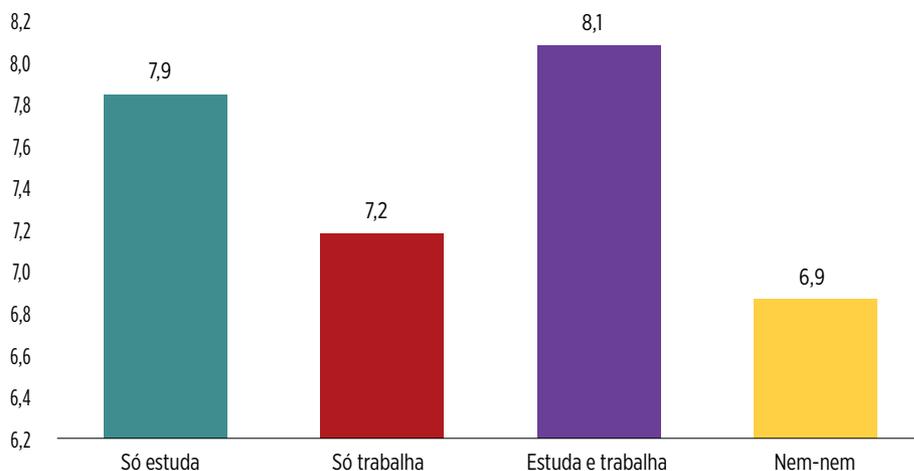
FIGURA 23 • EXPECTATIVA DE ALCANÇAR O ENSINO SUPERIOR (0 – 10)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

FIGURA 24 • EXPECTATIVA DE ALCANÇAR A PROFISSÃO (0 - 10)



Fonte: Elaboração das autoras, com dados da pesquisa Millennials no Brasil.

Nota: Os cálculos foram obtidos utilizando pesos amostrais da pesquisa Millennials no Brasil.

A análise dos fatores não tradicionais revelou que o locus de controle (acreditar que exercem controle sobre as suas vidas), a autoeficácia (confiança na capacidade de atingir objetivos), a paixão para alcançar metas de longo prazo e os episódios de depressão são os fatores socioemocionais mais correlacionados com as situações de estudo e trabalho. Além desses fatores, o desenvolvimento de competências técnicas também se manifestou como importante. Por fim, jovens que não estudam nem trabalham têm menos expectativa de realizar suas aspirações educacionais e profissionais, resultado que também foi corroborado por aqueles que participaram do estudo qualitativo.

2.6 • Conclusão

O presente estudo confirma alguns resultados já evidenciados pela literatura, revelando que a condição de não estudar nem trabalhar é mais frequente entre mulheres e jovens mais velhos. Nesse grupo, a procura de emprego é a atividade mais comum entre os homens, enquanto a prestação de cuidados a familiares ou filhos é mais frequente entre as mulheres.

Uma das inovações desta pesquisa é documentar as expectativas da juventude em relação ao futuro. Os dados mostram que os jovens têm expectativas positivas. De fato, eles esperam poder estudar e trabalhar e também aspiram a atingir altos níveis de escolaridade. No entanto, os jovens sem estudo e sem ocupação têm menos aspirações e expectativas para o futuro e veem menos possibilidades de alcançar o ensino superior e o emprego que desejam.

Embora os jovens acreditem na realização dos seus sonhos, eles também têm consciência de que existem obstáculos relevantes, como dificuldades financeiras, falta de apoio familiar e ter de trabalhar ou cuidar de um parente.

Os resultados da pesquisa mostram a necessidade de fortalecer, ampliar e melhorar as políticas públicas que incentivem os jovens a retomar seus estudos, como, por exemplo, os programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente focados em segmentos jovens, que associem estratégias que garantam a retomada e a continuidade dos estudos.

Além disso, é também muito importante apoiar os jovens na obtenção de qualificações, a fim de melhorar a sua inserção no mercado de trabalho e conseguir seu primeiro emprego. Nessa perspectiva, é necessário aperfeiçoar o Programa Jovem Aprendiz, que visa incentivar o trabalho juvenil e minimizar a grande dificuldade da população jovem para conseguir o primeiro emprego. Essa poderia ser uma via promissora para aumentar as expectativas e as aspirações dos jovens em relação ao seu futuro. Assim, é fundamental valorizar a aprendizagem profissional como instrumento para construir trajetórias e aumentar sua atratividade para os jovens trabalhadores, estimulando a maior permanência desses nas empresas em que são aprendizes.

Os resultados da pesquisa também mostraram que há muitas dificuldades enfrentadas pelos jovens em conciliar a vida familiar com o estudo e o trabalho. Esse problema é mais significativo entre as mulheres jovens que já têm responsabilidades familiares, particularmente entre as jovens grávidas ou que já são mães. Assim, as questões relativas aos horários de trabalho e à construção de alternativas que ampliem as possibilidades de compatibilidade entre estudos, trabalho e vida familiar estão no centro dos desafios e das estratégias desenvolvidas nessa área. Nesse sentido, é muito importante criar mecanismos que permitam o acesso, a continuidade e/ou o retorno aos estudos e ao trabalho das jovens mães, mediante a melhoria e a ampliação de creches e estruturas gratuitas que permitam o acolhimento das crianças sob a responsabilidade dos jovens trabalhadores e/ou estudantes.

A principal novidade da presente pesquisa é o estudo de fatores não tradicionais, que não estavam presentes em investigações anteriores sobre as decisões de estudo e trabalho de jovens brasileiros. Esse é o caso das competências socioemocionais, relevantes para contextualizar as decisões dos jovens em relação às atividades de trabalho e estudo. Especificamente, observa-se que os jovens que não estudam nem trabalham têm menos locus de controle, ou seja, eles acreditam que fatores externos determinam suas trajetórias e sentem que têm um controle menor sobre suas vidas. Ademais, demonstram menos autoeficácia ou confiança na capacidade de alcançar objetivos, menor entusiasmo para atingir metas de longo prazo e mais episódios de depressão.

Assim, políticas que incentivem e apoiem o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, considerando o apoio dos profissionais da área, bem como dos familiares e da comunidade escolar, serão fundamentais para melhorar a situação dos nem-nem. São programas ou políticas que podem atuar dentro da escola, como forma de prevenir o abandono escolar, ou fora dela, por meio da busca ativa e da assistência socioemocional, a fim de que os jovens que abandonaram a escola possam retomar seus estudos. Outra possibilidade são programas de formação que incluam o desenvolvimento de competências socioemocionais e que contribuam para a inserção desses jovens no mercado de trabalho.

Além disso, o aprimoramento das habilidades técnicas mostrou-se relevante para a situação do jovem em suas atividades de estudo e trabalho. Por conseguinte, os programas de incentivo ao desenvolvimento dessas competências também podem contribuir para o aumento da participação dos jovens nas atividades de estudo e trabalho.

• Referências

- BARBOSA FILHO, F. de H.; PORTO, R.; LIBERATO, D. Pronatec Bolsa-Formação: Uma Avaliação Inicial Sobre Reinserção no Mercado de Trabalho Formal. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA DA ANPEC, 45., 8-10 dez. 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPEC, 2015, n. 231.
- BARROS, R. P.; FOGUEL, M. N.; ULYSSEA, G. *Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Brasília: Ipea, 2007.
- BECKER, G. S. Human Capital, Effort, and the Sexual Division of Labor. *Journal of Labor Economics*, [S.l.], v. 3, n. 1, p. S33-S58, 1985.
- CALIENDO, M.; COBB-CLARK, D. A.; UHLENDORFF, A. Locus of control and job search strategies. *Review of Economics and Statistics*, [S.l.], v. 97, n. 1, p. 88-103, 2015.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; LEITÃO E MELLO, J. Transição para a vida adulta: Mudanças por período e coorte. In: CAMARANO, A. A. (Org.). *Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?* Rio de Janeiro: Ipea, 2006. p. 95-136.
- CERQUEIRA, D.; MOURA, R. L. *O efeito das oportunidades no mercado de trabalho sobre as taxas de homicídios no Brasil*. In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA DA ANPEC, 45., 8-10 dez. 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ANPEC, 2015.
- CORSEUIL, C. H.; FOGUEL, M. N.; GONZAGA, G. et al. A rotatividade dos jovens no mercado de trabalho formal brasileiro. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. *Desafios à Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- CORSEUIL, C. H.; FOGUEL, M. N.; GONZAGA, G. *A aprendizagem e a inserção de jovens no mercado de trabalho: uma análise com base na RAIS. Relatório de Pesquisa*. Brasília: Ipea, 2016.
- COSTA, J. S. de M.; ULYSSEA, G. O Fenômeno dos Jovens Nem-Nem. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. *Desafios à Trajetória Profissional dos Jovens Brasileiros*. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.
- DIAMOND, A. Executive Functions. *Annual Review of Psychology*, [S.l.], v. 64, n. 1, p. 135-168, 2013.
- EDMONDS, E. V. Child labor. *Handbook of Development Economics*, [S.l.], v. 4, p. 3607-3709, 2008.
- FEENSTRA, R. C.; INKLAAR, R.; TIMMER, M. P. The Next Generation of the Penn World Table. *American Economic Review*, [S.l.], v. 105, n. 10, p. 3150-3182, 2015.
- FLORI, P. M. Desemprego de jovens no Brasil. *Revista da ABET*, [S.l.], v. 5, n. 1, 2005.
- HERSCH, J. The effect of housework on earnings of husbands and wives. *Social Science Quarterly*, [S.l.], v. 66, n. 1, p. 210-217, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *O impacto do Programa Bolsa Família sobre a frequência escolar: uma análise das diferenças a partir da PNAD. Na Medida: Boletim de Estudos Educacionais do INEP*, Brasília, v. 3, n. 6, p. 5-9,

2011. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/494037/Boletim+Na+Medida+-+N%C2%BA+6/284162ac-07d5-4ef2-a92c-f34ba9ee0cd3?version=1.4>. Acesso em: 4 abr. 2019.

KIMMEL, J.; CONNELLY, R. Mothers' time choices: Caregiving, leisure, home production, and paid work. *Journal of Human Resources*, [S.l.], v. 42, n. 3, p. 643-681, 2007.

KRUGER, D. I.; BERTHELON, M. E. *Child work and schooling: the role of domestic activities among girls in Brazil*. In: WORLD BANK CONFERENCE ON EMPLOYMENT AND DEVELOPMENT, 3., Skhirat, 5-6 maio 2008. *Anais...* Bonn: Institute of Labor Economics, 2008.

LEVISON, D.; MOE, K. S. Household work as a deterrent to schooling: An analysis of adolescent girls in Peru. *Journal of Developing Areas*, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 339-356, 1998.

LEVISON, D.; MOE, K. S.; KNAUL, F. M. Youth education and work in Mexico. *World Development*, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 167-188, 2001.

LOCHNER, L.; MORETTI, E. The effect of education on crime: Evidence from prison inmates, arrests, and self-reports. *American Economic Review*, [S.l.], v. 94, n. 1, p. 155-189, 2004.

MONTEIRO, J. *Quem são os jovens nem-nem? Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, set. 2013. (Texto de discussão, n. 34).

O'CONNELL, S. D.; MATION, L. F.; BASTO, J. B. T. et al. *Can business input improve the effectiveness of worker training? Evidence from Brazil's Pronatec-MDIC*. Policy Research Working Paper n. 8155. [S.l.]: World Bank Group, 2017. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/444871501522977352/pdf/WPS8155.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2019.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO (OCDE). *Youth not in employment, education or training (NEET)*. [S.l.]: OCDE, 2018. Disponível em: <https://data.oecd.org/youthinac/youth-not-in-employment-education-or-training-neet.htm>. Acesso em: 5 abr. 2019.

PONTUSCHKA, R. *Avaliação de impacto do Fies*. 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Economia) — Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ROCHA, W. M.; EHRL, P.; MONASTERIO, L. M. *Análise de impacto do FIES sobre o salário do trabalhador formal*. 2016. (mimeo).

SILVA, E. R. A.; OLIVEIRA, R. M. *O adolescente em conflito com a Lei e o debate sobre a Redução da Maioridade Penal: esclarecimentos necessários*. [S.l.]: Ipea, jun. 2015. (Nota Técnica n. 20).

SOUZA, P. H. G. F. de. *A desigualdade vista do topo: a concentração de renda entre os ricos no Brasil, 1926-2013*. 2016. 378 f. Tese (Doutorado em Sociologia) — Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22005/1/2016_PedroHerculanoGuimar%C3%A3esFerreiradeSouza.pdf. Acesso em: 5 abr. 2019.

WASELFISZ, J. J. *Mortes Matadas por Armas de Fogo: Mapa da violência 2015*. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2015.